

fevereiro de 2026 - número 50

bulunga

A REVISTA QUE NINGUÉM LÊ



neste momento em que as “excelências” estão
em evidência, resolvemos entrevistar uma

EMINÊNCIA PARDAS

EDITORIAL

A Revista Bulunga acabou de entrar para a meia-idade, com o lançamento do seu número 50. Mesmo sendo conhecida como "A Revista que Ninguém Lê", seus colunistas insistem em divulgar os seus textos, como se os colocassem em uma garrafa jogada ao mar. Pode ser que alguém a encontre... ou não.

Não é fácil ser escritor no Brasil, ainda mais neste período de ditadura, em que uma simples frase pode levar o desavisado a parar no xilindró. Para falar a verdade, não é fácil ser qualquer coisa que seja, neste país: tudo é travado, taxado, burocratizado, desestimulado. Se o cara resolver ganhar um dinheirinho vendendo limonada na esquina, logo aparecerá um fiscal exigindo alvará de funcionamento, cadastro de contribuintes, licença ambiental, taxa de incêndio, de fiscalização sanitária, comprovante de pagamento de impostos municipais, estaduais e federais, e aí ele acaba desistindo e começa a recolher o material para ir embora, mas, antes disso, terá que pagar uma multa.

Então o jeito é relaxar e gozar, pois, afinal, é carnaval. Não, o carnaval não acabou: até bem pouco tempo, havia o "pré" e o "pós" carnaval. Agora é o ano todo. Dizem que o país só funciona a partir de março, mas não é verdade: simplesmente, não funciona.

ENTREVISTA COM UMA **EMINÊNCIA PARDÁ**

"Eminência parda" é o nome que se dá a um poderoso assessor ou conselheiro que atua nos bastidores do poder. O termo foi criado originalmente para o frade François Leclerc du Tremblay, que era o braço direito do Cardeal Richelieu – criador do absolutismo na França do século XVII (comumente associada ao período pós-medieval).

O termo "pardo" não foi escolhido em relação ao tom de pele, mas à capa bege que o referido frade utilizava, em contraste com as vestes vermelhas (ou brancas, em representações informais) do famoso cardeal.

No Brasil, um elemento ficou muito conhecido nos tempos da ditadura militar: o General Golbery do Couto e Silva, pessoa influente nas gestões dos presidentes Geisel e Figueiredo. Dizem que, atualmente, um ex-guerrilheiro é o ocupante do

do posto, mas alguns garantem que os verdadeiros personagens sejam famosos banqueiros ou mesmo um poderosa "rede" de comunicação.

O nosso personagem, contudo, trabalha nos bastidores, definindo os rumos do país sem deixar rastros em "conversas ao pé da orelha", sem precisar escrever ou assinar absolutamente nada. É ele que define quem será presidente, ministro, senador ou deputado; todos comem em sua mão adornada com um anel de ouro no dedo mindinho da mão direita, cuja unha mantém bem mais comprida do que as demais.

Ele está por trás de todas as crises financeiras do país – ocasião em que ganha muito dinheiro – e mantém estreito contato com os nomes mundialmente mais poderosos. Mas vamos à entrevista, que pode ser útil para você, que precisa entender como funcionam os mecanismos do poder para deixar de ser um simples pacóvio.

BULUNGA – Parece que você não gosta de ter a sua identidade divulgada. Por qual motivo? Medo? Timidez? Algum crime que precisa ser ocultado?

EMINÊNCIA PARDA – Eu sempre gostei de atuar nos bastidores. Comecei no teatro, como uma espécie de "faz-tudo" nas coxias. Ajudava na troca dos cenários, de elementos de cena, das roupas dos artistas e até na substituição de alguns deles quando adoeciam ou faltavam sem motivos. Mas nunca quis fazer parte do elenco oficial.

BULUNGA – E como conseguiu ficar tão rico e influente?

EMINÊNCIA PARDA – Eu sempre procurei me colocar no lugar certo e na hora certa. Tinha uma forte intuição de como me posicionar. Com a experiência no teatro, entendi que as pessoas gostam das mentiras. Assim, aprendi a utilizar essa técnica na vida real.

BULUNGA – As pessoas podem gostar de ver essas mentiras na literatura, no teatro e no cinema, mas não na vida real...

EMINÊNCIA PARDA – Como não? Votam em político mesmo sabendo que ele não cumprirá nada daquilo que prometeu em campanha. Gostam de enganar as criancinhas com essa história idiota de Papai Noel. Traem os seus companheiros e companheiras após juras de amor eterno. Recorrem a cartas, búzios, bolas de cristais e outras formas de adivinhação, cientes de que o "sensitivo" não passa de um estelionatário. Apostam em loterias mesmo sabendo que os resultados são amplamente manipulados.

BULUNGA – Verdade... Mas você não se cansa de transitar nesse ambiente com centenas de homens e mulheres sem caráter?

EMINÊNCIA PARDA – Não se esqueça que é o povo que os escolhe, através do voto. Com esse povo que tem um Q.I. inferior ao de determinadas espécies de macacos não tem como melhorar.

BULUNGA – Você está sendo muito pessimista. O Brasil conquistou os Globos de Ouro de melhor filme estrangeiro, melhor atriz e melhor ator nos últimos dois

anos.

EMINÊNCIA PARDA – Você viu esses filmes?

BULUNGA – Eu até fui ao cinema para assistir, mas esqueci de comprar Dramin e acabei desistindo.

EMINÊNCIA PARDA – Será que estou percebendo uma pequena ponta de ironia em sua fala?

BULUNGA – Gosto muito do cinema nacional. Principalmente quando estou com prisão de ventre. Solta Tudo.

EMINÊNCIA PARA – Pelo visto, você não é muito nacionalista...

BULUNGA - Não ligue para isso: é apenas ilusão de ótica.

EMINÊNCIA PARDA - Não entendi...

BULUNGA - Deixe pra lá. Vamos a mais uma pergunta: de acordo com o cenário político do Brasil, o que acha

que vai dar nas próximas eleições?

EMINÊNCIA PARDA - O povo continuará votando em bandidos, mas a tendência é que haja uma pequena renovação do quadro. Porém, os novatos rapidamente seguirão o exemplo dos bandidos mais experientes.

BULUNGA - Sua visão de país é um tanto pessimista... Não acha que a situação possa mudar?

EMINÊNCIA PARDA - Mudar pra quê? Está tudo ótimo!

BULUNGA - Por instantes, cheguei a pensar que você estava criticando esse sistema...

EMINÊNCIA PARDA - Eu? Criticando? Estou AMANDO essa situação. Se melhorar, piora.

BULUNGA - O senhor não tem escrúpulos?

EMINÊNCIA PARDA - Isso é de comer ou de beber?

BULUNGA - O senhor não tem princípios?

EMINÊNCIA PARDA - Tenho princípios, meios e fins, que é garantir que esse povo burro seja ainda mais burro e continue pobre e votando em nossos candidatos, independente do partido ao qual pertença, seja ele de esquerda, centro ou direita.

BULUNGA - O senhor disse "nossos candidatos". É tudo farinha do mesmo saco?

EMINÊNCIA PARDA - "Se gritar 'pega ladrão', não fica um, meu irmão"...

BULUNGA - Não acredito que o senhor seja tão insensível...

EMINÊNCIA PARDA - É claro que tenho sentimentos: sempre choro nos dias de eliminação do "Big Brother".

BULUNGA - O senhor é um fanfarrão...

EMINÊNCIA PARDA - E você é um bobão. Onde já se viu, um marmanjo como você acreditando em fantasias?

BULUNGA - Fantasias? O senhor não acha mesmo que

possa melhorar?

EMINÊNCIA PARDA – Melhorar como? "Tá tudo dominado", como dizia aquele funk. Não viu o recente escândalo daquele Resort? E do pagamento de mais de cem milhões para a esposa de uma super-hiper-mega-autoridade sem qualquer contrapartida? E a mesada de 350 mil reais para o filho daquele outro? Só explodindo tudo e recomeçando do zero.

BULUNGA – Mas o senhor não se sente corresponsável por tudo isso? Afinal, com sua influência, poderia tentar reescrever a história deste país.

EMINÊNCIA PARDA – E estou tentando. Veja embaixo desta mesa.

BULUNGA – Dinamites! Que nem nesses filmes de comédia. Tem até um relóginho digital colado nelas. Deve ser de brinquedo, não é? Não vá me dizer que são de verdade...

EMINÊNCIA PARDA – São de verdade. E estão espalhadas em várias salas por todos os andares.

BULUNGA – Eu te disse para não me dizer...

EMINÊNCIA PARDA - Se eu fosse você, tratava de correr.

BULUNGA - Estou totalmente confuso: primeiramente, parecia que o senhor era um crítico do sistema, mas depois deu a entender que era favorável ao caos... O senhor faz parte desse sistema. Ou melhor, o senhor está no COMANDO desse sistema. Por quê deseja destruí-lo?

EMINÊNCIA PARDA - Com o tempo, as "autoridades" eleitas ou nomeadas livremente vão ficando muito autoconfiantes e passam a não quererem mais obedecer às nossas "orientações". Se recusam a dividir o que ganharam. Veja só: um deles levou mais de 100 milhões, outro engalobou 35 milhões, e teve outro que abocanhou 5 milhões. E não deram nada para nós. Quebraram as regras da isonomia. Então é hora de renovar o quadro de forma integral. E assim poderei oferecer os meus serviços à nova geração de corruptos, todos lindinhos, recém saídos das fraldas. Essa é a melhor parte do

jogo político.

BULUNGA - Não posso acreditar que esteja falando sério.

EMINÊNCIA PARDA - Pois acredite: os explosivos serão detonados em cinco minutos.

BULUNGA - Cinco minutos? Você disse CINCO MINUTOS??? Ei! Espere! Espere aí! Não corra! Miserávi... Não me deixe para trás!



FAÇA

NET

TEATRO

Curso Profissional & NOVELA

Prepare-se!

crianças
adolescentes
adultos

WhatsApp 98025-1010

vagas limitadas!

The advertisement features a black background with bright green and yellow text. At the top right is the 'NET' logo. The main title 'TEATRO' is in large, bold, green letters. Below it, 'Curso Profissional & NOVELA' is written in a mix of green and yellow fonts. A small photo shows a group of people on a stage. At the bottom, a green WhatsApp icon is next to the number '98025-1010'. A yellow diagonal banner at the bottom right says 'vagas limitadas!'.



Saiu o sétimo número de **AMPLITUDE**, sua Revista Cristã de Literatura e Artes, com foco em ficção e poesia. Baixe a sua, é de graça!



E-books gratuitos - Games - HQs
ESPECIAIS: O caminho da autopublicação
Antologia de poemas sobre o Filho Pródigo

Número 7 - Janeiro 2026

@revistaamplitude

UM FUNERAL NO CARNAVAL

Jorge F. Isah



Acordei com o cheiro de fumaça e esgoto. Algo onipresente, cuja origem não pude identificar. Era onze e meia da noite, e o sono de dez minutos sucumbiu ao som de uma dessas músicas chamadas "paredão", que me fez desejar visitar o capeta em suas instalações menos deletérias do que os quarteirões vizinhos. As janelas tremiam, as paredes tremiam, o assoalho tremia. Fui à cozinha pegar água, e o copo tremia na mão, enquanto a água despejada do filtro insistia em seguir as modulações da orgia sonora:

"Ram-tchum! Ram-tchum!
Ram-tchum! Ram-tchum!
Joga o copão pro alto e
começa a acelerar, e aí?
Ram-tchum! Ram-tchum!"
Desisti.

Na janela, havia uma multidão em frente ao prédio que se estendia tanto à esquerda e à direita, de forma que, se eu fosse o "Leão da Montanha" não teria aonde fugir.

"Ram-tchum"... "Ram Tchum"...

Que raios vinha a ser aquilo?

A campainha tocou.

— Que modos são esses, seu Valdir? — ela me interpelou.

— Como assim, dona Cláudia?

— Tem um tempão que estou tocando a campainha!

— Desculpa, mas não ouvi... — apontei para o barulho lá fora.

— Está ficando surdo também?

— Ah?!

Ela balançou a mão no ar como se fosse uma arma.

— Ficou sabendo do seu Alberto?... Morreu!

A forma abrupta pareceu menos apocalíptica do que o "Ram-tchum" lá fora!

– Meu Deus!

Ele tinha oitenta e nove anos, morava sozinho e, a despeito de ter cinco filhos, doze netos e três bisnetos, quase nunca recebia visitas. Eu mesmo ia lá de vez enquanto conversar sobre as aventuras da época em que foi garímpeiro em Serra Pelada, fazendeiro em Rondonópolis e tatuador no Belenzinho.

Por alguns segundos, deu para ouvir o silêncio lá fora... Imaginei a caixa de som estourada ou um sniper acertando o anti-crooner do trio elétrico e todo o seu caótico e bestial guincho.

– Avisaram a família?

– Não encontramos ninguém. A única que atendeu foi uma das filhas, mas ela disse que só pode fazer alguma coisa no final do mês, quando termina o pós-carnaval em Salvador.

– Mas, e o enterro?

Ela deu de ombros.

– Vim só avisar, já que você era um dos poucos amigos dele.

Antes de sair, perguntei:

– Do que o seu Alberto morreu?

– Ninguém sabe, já que o SAMU está tentando atravessar a multidão, mas ainda não chegou... Dizem que no prédio em frente aconteceu o mesmo, e a ambulância conseguiu atravessar a folia depois de dois dias. A multidão, ao ouvir a sirene, julgou ser um carro-alegórico – e os socorristas, clones do Village People.

– Humm...

– Foi quando caiu o temporal e levaram o morto. Sabe como esse povo não gosta de banho, né!

Pensei em rir, mas ela manteve-se séria.

– Um dia, Deus fará igual a Sodoma e Gomorra: vai lançar fogo dos céus e destruir tudo!

– Eles nem vão notar a diferença...

Acho que ela não entendeu ou não gostava de piadinhas sem graça.

– Íamos fazer o velório, mas o 192 disse que não podemos mexer em nada – pode ser cena de crime... E quem disse que a gente tem coragem? O andar inteiro está pesteadado, e a maioria foi para o salão de festas. Mas tem gente que achou o cheiro lá do térreo pior do que o quarto do seu Alberto.

Isso era verdade. Ontem, tentei levar o Peri para fazer o seu toalete na praça, mas quem disse que consegui? A

frente estava tomada de bêbados, drogados, montes de bosta e urina escorrendo para dentro da portaria. O Peri que não é nada bobo, olhou para mim e disse: "melhor tentar no carpete do escritório". E não é que deu certo? Mesmo ao som do "Ram-tchum".

O meu temor é ele gostar tanto do ambiente de capas e lombadas que se recuse à calçada. Ainda mais, depois de tantos animais marcarem território.

Jorge F. Isah é Jornalista, editor e escritor. Autor de "A Bula do Placebo", entre outros livros, todos disponíveis na "amazon.com".
jorgefisah@gmail.com



DESCARREGO

Sammis Reachers

E então me dei conta de que aquilo foi o pior que me podia acontecer, e em meu pior momento. Ou no melhor, o que é pior ainda.

Eu vinha numa sequência que eu entendia como empoderadora, furiosa de vitórias na empresa. Chegara na cidade e na firma em janeiro, vinda do interior, decidida e dedicada a vencer. No mês de setembro pulei de só mais uma na equipe de vendas para a gerente do setor. Mas era pouco. Manobrei e me matei e em novembro era titular do departamento de compras da empresa: Menos estresse e mais dinheiro na conta.

Em dezembro o dono fez aquilo que, enquanto estava no segundo escalão, eu considerava uma lenda da casa: Uma premiação ou "participação nos lucros" informal, só para os líderes e ocupantes de cargos de confiança. Foi dinheiro vivo, money na mão, cash. Certamente para evitar movimentações financeiras rastreáveis, algo desinteressante para o CNPJ da empresa, o CPF do

dono – e o nosso.

Eu vinha pela rua com meu prêmio bem enfiado na bolsa, minha primeira Louis Vuitton, que tinha até apelido: "Nunca foi sorte, sempre foi trabalho". Ia chamar o Uber, mas ao abrir o visor do celular, vi a notícia.

Minha mãe morrera.

Quase que imediatamente, enquanto eu vivenciava o baque, minhas irmãs me telefonaram. Estavam juntas, no hospital. Entre lágrimas e berros, se revezavam no telefone, principalmente para me xingar.

Eu não estivera presente em sequer um dia da longa convalescença de minha mãe. Comprei remédios, fraldas. Aluguei cadeira de rodas da melhor. Ia aproveitar os dez dias de recesso de fim de ano para finalmente vê-la. Voltaria àquela cidade que jurara não mais pisar, ainda que fosse para ouvir seus sermões, sua ladainha sobre Cristo, voltar para a igreja, parar de beber. Por algumas horas apenas, que estava de viagem marcada para Balneário Camboriú, a convite do dono da empresa.

Atravessei a rua, cancelei o Uber, ainda ouvindo a explosão de fúria de minhas irmãs.

Peguei um ônibus, depois de quase seis meses. Havia dito que nunca mais andaria em um. Eu já tinha meu carro, comprado há dois meses. Estava fazendo aulas para habilitados, precisava ganhar maior confiança ao volante. Mas mesmo antes disso, com minha ascensão na empresa, só utilizava ubers e taxis.

Me sentei na janela. Era um veículo antigo, sem ar-condicionado. Abri o vidro, não me importando com meus cabelos sob o vento forte e poluído de São Paulo. Enquanto pensava em minha mãe, recordei de quando ela nos levava, a mim e a minhas irmãs, para a igreja, para a escola bíblica dominical. Eu sabia tanto! Mas seus olhos agora pareciam me acusar. Eu não me lembrava daqueles olhos acusadores em minha infância. Eles não existiam por lá. Por que agora?

Enquanto o ônibus, mais vazio que cheio, trafegava pelas ruas da noite abafada, comecei a entender aqueles olhos que pareciam luas. E foi como se o entendimento, de que eu me desviara há tanto tempo, caísse sobre mim como uma pedra.

Pousei o celular no banco, ligação continuada das explosões de minhas irmãs, agora um chiado baixo. Sem saber bem o que fazia, como que anestesiada,

abri a bolsa.

Peguei um maço de notas.

Aquela vendedora, a Verônica, a que me treinou. As peças da loja que, semanas depois, coloquei na bolsa dela, as peças que a fizeram ser demitida, as peças que me fizeram ficar com o lugar dela... e joguei pela janela aquele maço.

Apanhei mais um pouco ou um muito de dinheiro. A Marcelle, a quem sabotei o quanto pude, e acabei sendo promovida por cima dela, de quem era a vez... E lancei mais um maço de notas para o ar escuro.

Isabel, de quem herdei o cargo de gerente de compras e que, "rebaixada", preferiu pedir demissão da empresa onde entregara dez anos de sua vida. Mais um maço.

Chorei, de confusão e de pena ao ver aquele dinheiro voando para ruas vazias, sabe-se lá para quem.

Os olhos de minha mãe, em minhas lembranças, continuavam acesos. Diminuíram seu brilho estranho, mas eram ainda brasas vivas.

A posição de gerente de compras me custara mérito e intrigas, mas também sexo. Meu corpo, engrenagem do capitalismo e do comunismo e do que mais

quisessem, fora mercadoria do gerente-geral, e dele passara para o dono da empresa.

Apanhei com agora ódio o último maço do bônus e lancei-o pela janela.

"Vamos, Carolina, para a casa do Senhor", ouvi em minha memória, sentindo junto o gosto de seu café e o cheiro ou o gosto da terra molhada das tardes de Belém. Minha mãe me convidava com um sorriso, e olhos de abraço, olhos de mãe.

Jesus de minha mãe, Jesus a quem apunhalei aos meus dezenove anos, quando me apunhalei, tenha compaixão de mim.

Permita que um dia, mesmo tão longe quanto estou longe, eu deixe de ser engrenagem para voltar a ser fogo queimando a máquina.

Sammis Reachers é escritor,
poeta e editor.
sreachers@gmail.com



RECORDAR É VIVER

Rosemare Gomes



Hoje, acordei com aquela nostalgia, pensando na minha madraستا – que já mencionei tantas vezes. Ela nunca foi ao supermercado. Ela não gostava de sair de casa, ou não sabia. Só saía quando a gente mudava das casas alugadas. Quando mudávamos de casa para casa, e muitas vezes de um bairro para outro. Talvez, por isso, eu conheça Belo Horizonte como a palma de minha mão.

Essa nostalgia surgiu devido ao fato de, hoje, aposentada, eu não querer sair de casa. Daí pus-me a lembrar de quando ela dizia, de repente, virada para o fogão, para a porta da cozinha, ou mesmo para o vazio:

— Paixão, pegue um pedaço de papel e escreva aí o que eu quero que comprem!

Ainda me lembro como se fosse agora: arroz, feijão, açúcar e banha eram bem pouco, sempre um quilo, no máximo dois, e para uma família que tinha, à época, umas quatorze pessoas... Todos os filhos já nascidos e na juventude — eu era a caçula. Entretanto, farinha e fubá eram cinco quilos. A razão? Por serem mais baratos, serviam simplesmente para misturar ao arroz, ao feijão e dar volume. Ao serem ingeridos, atrasavam a digestão e espantavam a fome. Um jeito simples de enfrentar a pobreza de barriga cheia.

A vida era dura. A vida já foi realmente dura, e os jovens das últimas gerações nem fazem ideia disso. O dinheiro que entrava — pois só o meu pai trabalhava e sustentava a família — era priorizado com o aluguel, água e luz. Depois, quando os filhos começaram a tra-

balhar, tinham seus próprios gastos, e mesmo ajudando aqui e ali, não havia sobras para esbanjamento ou luxo. Foram doze filhos, minha madrasta, meu pai, mais três agregados e três ou quatro netos, um pouco mais tarde. As roupas passavam dos maiores para os menores até se acabarem. Assim como os sapatos também.

Nos anos setenta, meu pai começou a ter os privilégios que trabalhadores efetivos e estatais tinham. Pôde passar a comprar mantimentos e outras coisas básicas na Cooperativa da Rede Ferroviária Federal. Ele, que tinha começado como colocador de dormentes em linhas de trens, agora era almoxarife. Aí, sim, começamos a comer "arroz agulhinha", "banha de porco", "banha de coco", "carne de charque"... A vida começou a melhorar, os irmãos mais velhos e as minhas irmãs se casaram, e o êxodo deixou a casa mais vazia, com menos bocas, e as refeições já não eram como antes. A mudança fez a alegria dos que ficaram, entre eles, eu.

Por outro lado, minha madrasta, a quem sempre chamei de mãe, primeiro por não saber que ela não era minha mãe biológica e, depois, por reconheci-

to e gratidão, se mostrava mais cansada, mesmo que nós mulheres ajudássemos nas tarefas mais pesadas da casa. Foi um bálsamo quando, finalmente, a TV valvulada se juntou ao rádio de pilha – mamãe podia, depois de toda a lida do dia, sentar-se no mesmo lugar no sofá de couro, cujo rasgado era tampado com uma pequena toalha, blusa ou outro tecido, para não ser visto por ela mesma ou por alguma visita.

Ali, ela assistia a novela "Carinhoso", com a "Namoradinha do Brasil", Regina Duarte, e o galã Tarcísio Meira. Eu, a caçulinha, a derradeira e ainda solteira – jovem demais até mesmo para um namorico – assistia fascinada, e perguntava:

– Mamãe, onde eles ficam?

– Eles quem, Paixão?

Era como todos na família me chamavam, e ainda me chamam. É uma longa história; depois explico.

– O pessoal da novela, mamãe!

– Na TV...

E completava:

– Lá atrás...

– Eles estão lá! Você é que não viu, Paixão.

No outro dia, sem ninguém assistindo, eu ia atrás da

TV e olhava através de um tipo de papelão todo furadinho; via as válvulas, a ponta do garrafão do tubo de imagens e um monte de fios com um cheiro de plástico e borracha aquecidos.

Ao perguntar, de novo, ela reafirmava:

– Eles estão lá! Você é que não viu, Paixão.

Penso que não era simplesmente para aplacar a minha curiosidade infantil, mas de que ela realmente acreditava naquilo.

A T.V., mesmo usada, de segunda ou mais mãos, era "Advance", um luxo só!

Mamãe tinha sempre um Bombril sequinho, separado para correção da imagem. Na verdade, melhorava o sinal. Qualquer chuveiro era corrigido pelo tal aparato criativo e muito popular. Mamãe dizia:

– Paixão! Pega o Bombril e põe na antena aí!

Ah! Durante a novela, era proibido ligar o liquidificador ou o ferro de passar roupas elétrico.

"Carinhoso" era a novela das seis. Após terminar o capítulo do dia, mamãe dizia feliz:

– Paixão, vá dar milho para as galinhas. Amanhã, você assiste mais televisão...

Após dar milho ou ração para as galinhas, eu ia logo

para a cama e, literalmente, me desligava.

Certa noite, não dormi de imediato. Olhei pela fresta da porta do quarto e lá estava a minha mãe assistindo televisão. Peguei uma coberta para cobrir as pernas dela. Na verdade, queria ver o que estava assistindo. Ela me perguntou:

– Paixão, o que você está fazendo acordada?

– Vou ao banheiro. E a senhora, mamãe, vendo o quê?

– Jornal Nacional.

– É assunto de adulto, né?

– Vai dormir! Amanhã, tem muitos afazeres.

E o dia começava cedo para mim. Mas, antes de eu acordar, ela já estava na cozinha, preparando as coisas.

Não dormia com as galinhas, mas acordava com o galo.

Rosemare Gomes é escritora,
pedagoga, professora e teóloga.
rocharosemare@gmail.com



UM FEIO ILUDIDO



Gilberto pensava que era bonito. Culpa da mãe, que sempre lhe dizia, apertando as suas bochechas: "coisinha mais linda da mamãe". Talvez ela até pensasse isso de verdade, pois o instinto maternal costuma deixar as mulheres cegas, mas os parentes não conseguiam esconder a estranheza quando iam visitar a família, e a viam paparicar a criança como se fosse um bibelô. "Coitada da Sinésia", diziam.

E o menino foi crescendo feio, cada vez mais feio. Ele tinha a cara torta, como se tivesse caído do terceiro andar de um edifício, com o rosto virado para baixo. Não era possível distinguir-se quando estava rindo, chorando ou com dor de barriga. As pessoas aconselhavam a mãe a deixar crescer uma franja no menino, usar boné, óculos escuros, para tentar ocultar-lhe um pouco da feiura, mas a mãe insistia em penteá-lo com um topete ridículo e deixando a sua cara de monstrinho livre.

Não pretendemos defender um padrão de beleza mundial, como intencionavam os nazistas, pois os feios podem ser simpáticos, e com isso relativizarem o impacto da feiura, mas o nosso personagem tinha um ego exacerbado, era chato e se achava a última bolacha do pacote. Ele possuía umas canelinhas finas e peludas, e como diria o filósofo Mução, parecia um "sabirila", mistura de sabiá com gorila. Ele não se importava: saía para as ruas com uns shorts curtos e floridos, além de uma camisa regata larga que lhe realçava o peito de pombo, criando uma combinação aterrorizante. Mas a sua autoestima estava acima dos padrões de normalidade.

Certo dia, começou a namorar uma mulher, a Ildete, que era até bonita para os padrões daquele bairro. Se recebesse um banho de loja e utilizasse umas maquiagens básicas, passaria até por modelo de propaganda de depósito de material de construção, pois tinha um corpo bonito e os pedreiros sempre mexiam com ela, quando passava rebolando pelas ruas, mas não era proposital: tinha uma perna mais curta do que a outra.

Ele esnobava a garota, e ela chorava e chorava por conta de suas desfeitas. Ela vivia recebendo de presente óculos de grau que eram colocados na sua caixa de correio, doados por amigos e gente da vizinhança que queriam vê-la livre daquele encosto, mas ela insistia, e um dia anunciou que iriam se casar.

A mãe foi até a filha aos prantos, de joelhos, gritando "não, eu não quero ter netos feios". Mas ela teimou em se casar com aquele traste.

O casamento durou exatos três dias. Diz a lenda que na noite de núpcias ela viu o bilau da criatura, que era ainda mais feio do que a sua cara. Ela havia deixado para consumir o ato apenas após o casamento, com o anel no dedo e papel passado, pois era muito religiosa, e

só então se deu conta da encrenca em que se metera. O casamento foi na sexta-feira à noite, e no sábado ela já estava de volta à casa dos seus pais. A anulação ocorreu na segunda-feira, mas o real motivo foi guardado em segredo absoluto.

Ele continuou tocando a vida como se nada tivesse acontecido. Voltou às ruas com os seus shorts ridículos e o seu topete que ia ficando mais ralo, à medida que os anos se passavam. Morreu aos 55 anos, muito mais feio do que veio ao mundo, de um problema no fígado, associado ao excesso de bebida.

A mãe fez questão de colocar uma foto do filho em uma moldura prateada, colada com cola Superbond em sua lápide de granito, no cemitério. Dizem que era para afastar os fantasmas que assombravam aquelas bandas. Pode parecer simples superstição, mas o certo é que a coisa funcionou e a vizinhança passou a dormir em paz a partir daquele dia.

Michel Salomão

MACHOS ALFA

4ª TEMPORADA



Já fizemos uma resenha acerca dessa série espanhola, produzida pela CONTUBERNIO e exibida pela NETFLIX: MACHOS ALFA. Estreou recentemente a sua quarta temporada, depois de uma terceira que não foi lá essas coisas, mas desta vez conseguiram alcançar o mesmo nível da primeira e da segunda, e esperamos que não seja a última, já sabendo que está sendo anunciada a quinta temporada para janeiro de 2027.

Em cena, Fernando Gil (Pedro), Gorka Otxoa (Santi), Fele Martínez (Luis), Raúl Tejon (Raúl), María Hervas (Daniela), Paula Gallego (Álex), Raquel Guerrero (Esther) e Kira Miró (Luz), Cayetana Cabezas (Blanca), Paloma Bloyd (Irene), Karol Luna (Patrícia), María Hazas (Marimar), Irene Arcos (Paz).

O roteiro é assinado por Alberto, Laura Cabalero, Daniel Deorador e Carla Nígra. A direção é de Laura Cabalero.

Os personagens são muito bem construídos e hilários, colocados em situações absurdas, mas nada improváveis, conseguindo desconstruir, na mesma proporção, tanto o machismo quanto o feminismo, porém, sem tomar partido, pois todos os personagens são patéticos e inofensivos, abordando, de uma forma desconcertante, temas como o adultério, a homossexualidade, a paternidade/maternidade e até



mesmo o amor.

Nesta temporada, Santi resolve ser pai, e depois de muita procura acaba encontrando com a ultra feminista Eva (Carol Rovira), enquanto Pedro e Daniela acabam tendo uma recaída passageira no tumulto dos cuidados com o bebê; Luís redescobre sua paixão por Marimar, que está casada com Raúl e com quem quer ter um filho a todo custo, mas ele consegue fazer uma vasectomia escondido; Raquel Guerrero abandona o emprego de instrutora de auto-escola para se dedicar ao trabalho de atriz e roteirista; e Luz se sente cada vez mais sufocada com o casamento com a milionária Paz.

Destacaríamos uma personagem interpretada por Aitziber Garmendia (Nagore), que aparece rapidamente em três episódios (da primeira, segunda e quarta temporadas) como uma ex-namorada de Santi, que rouba a cena nos poucos minutos que surge, no papel de uma bêbada e tarada.

São apenas seis episódios, mas poderia ser mais, pois é muito raro uma produção com roteiro tão inteligente e personagens pitorescos que se parecem com gente do nosso convívio. Vale **MUITO** a pena assistir.

Náufragos em terra firme

Jorge F. Isah



Dias desses, assisti a um documentário da BBC sobre a crise de moradia em Dublin. Após uma breve introdução, em que o alto custo e a escassez de imóveis eram as causas dos sem-teto espalharem-se pelas ruas – e uma longa fila de espera nos abrigos públicos – a produção condensou os depoimentos em três grupos específicos:

1 - Um casal na faixa dos quarenta anos, com recém-nascido: o marido, com diabetes, recebe o auxílio-governo; a esposa, com estresse, também não pode trabalhar. Perderam a casa e vivem em sua B.M.W. durante o dia, à espera de dormir, noite após noite, num revezamento em casas de parentes e amigos.

2 - Um jovem solteiro de trinta e poucos anos, perdeu o emprego em uma Ong de abrigo temporário e, ironicamente, se transformou em sem-teto.

3 - Um casal de jovens, na faixa dos vinte e poucos anos, que está na capital para estudar. Ele é um militante de esquerda, filiado a um partido operário que luta pela inclusão dos indigentes, mas vive numa espécie de estúdio nos subúrbios.

Em todos esses casos a queixa é a mesma: o que o governo está fazendo? Por que o poder público não resolve a questão? Onde estão os investimentos para as novas habitações? Quais os critérios para alguém ser prioridade, enquanto outros não?

O documentário não se interessa em apontar os motivos da crise, apenas aquele velho discurso de especulação imobiliária, descaso estatal e ausência de políticas públicas. O que me leva ao seguinte questionamento: depois de o homem moderno ser insistentemente domesticado a fim de pedir mais "Estado" em tudo – até na escolha das suas peças íntimas – e de não conseguir resolver a mínima parte dos problemas, por que raios estão a pedir ainda mais Estado?... É o verdadeiro "samba do crioulo doido",

onde nada mais importa desde que no final se possa pular e dançar.

O caso do primeiro casal é emblemático. A renda familiar provém do Estado, uma miséria incapaz de garantir-lhe um padrão de vida ordinário, porque o próprio considerou, marido e mulher, inábeis – talvez isso aconteça por causa das malditas estatísticas e gráficos, e a necessidade de se cumpri-los – enquanto outros se matam para garantir os impostos a fim de que alguém, em plena condição produtiva, se esconda atrás de uma doença nada incapacitante como diabetes – o marido em questão. No caso da mulher, não vou nem entrar nesta seara, para não ser apedrejado pelos caçadores de MM – misóginos e machistas – afinal, para que entrar nesse campo minado se a explosão é sempre retroativa?

O fato é que, por trás da vitimização do casal, que se considera prejudicado, enquanto gasta 40% dos seus benefícios com combustível, rodando quilômetros e quilômetros diariamente para "gastar tempo", existe um batalhão de trabalhadores se matando para garantir-lhes o direito de nada fazer, apenas exigir. E o círculo vicioso não tem fim.

A esposa chegou a dizer que somente não se suicidou por causa da filhinha, para não a deixar órfã. E o desfile de acusações e culpados segue ad infinitum, sem que haja um único espelho onde se veja.

A tentativa da reportagem em sensibilizar o espectador com os dramas vividos pelos irlandeses, se frustra. Talvez apenas os mais radicais ideólogos se compadeçam das caras de vitrines iluminadas mas vazias. Mas, ao menos, me fez questionar: se o remédio está matando, não é melhor trocá-lo por outro? Por que devo aumentar a dose?

Eles poderiam mudar de cidade, fazer bicos, criar um canal no Youtube e ganhar milhares de inscritos com suas mazelas pelas ruas de Dublin, mas preferem somente se lamentar pelo azar. Se fossem cavalos, já teriam virado salame.

No final, o paraíso cantado e decantado por décadas se transformou no pesadelo de Dante. E o diabo – sentado no banco de couro da BMW, em aposentadoria compulsória – não sabe se chora ou ri, sente-se frustrado ou feliz, porque não precisa mais do tridente diante das gerações em que os barcos são construídos com enormes buracos.

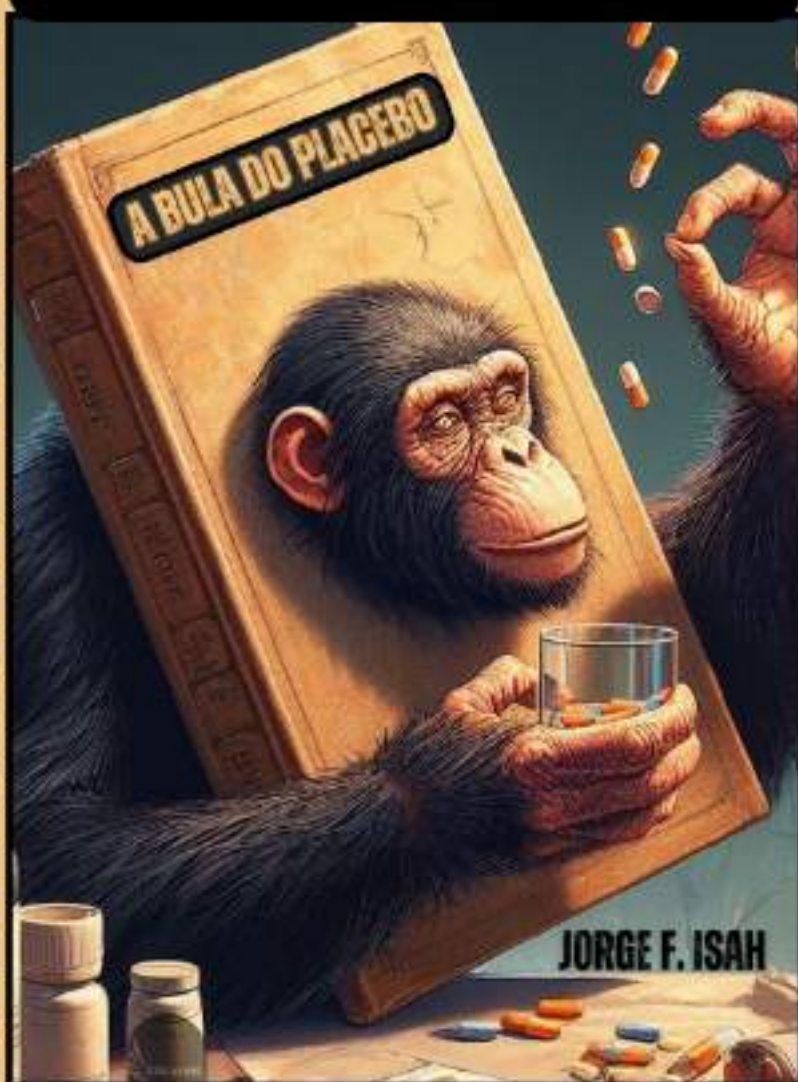
BULUNGA NEWS

O futuro nunca esteve tão presente!

EXTRA! EXTRA!

Em um mundo sem esperança, "A Bula do Placebo" surge como o remédio a lembrá-lo de que tudo não está ainda perdido, é questão de tempo. Ao tratar os grandes dilemas humanos, suas manias, pruridos e flatulências, você se sentirá revigorado. Porque, afinal de contas, o que não tem solução, solucionado está!

Junte-se a nós e resista aos glúteos e peitoris sarados, aos bate-estacas e carros de som, funks, os "Ali babás" e seu zilhões de larâpios, enquanto o "tico e teco" caem dopados e em frenesi. E talvez você seja cancelado, difamado, preso, e se veja cercado, à esquerda e direita de palpiteiros e salvadores-da-pátria. Entretanto, garantimos "A Bula do Placebo" como a solução imediata para o que não tem solução.



GARANTA O SEU EXEMPLAR!

NA AMAZON OU KALAMOS.COM.BR

O HOMEM, UM ANIMAL POÉTICO, E SUA POSTURA DIANTE DA PALAVRA DE DEUS: UM BRAINSTORMING ENSAÍSTICO SOBRE SENSIBILIDADE AO CRIADOR

ANDERSON C. SANDES

"[...] é impossível compreender toda a glória do cristianismo sem compreender sua poesia". – Dana Gioia in *Cristianismo e poesia*

1. Origem: Deus é essencialmente um Criador, dá ordem ao caos, faz tudo com arte e beleza. Ordenou o mundo com linguagem, com logos, com poesia. Criou o homem à sua imagem e semelhança, sendo o homem portador também da palavra, de pensamento, de razão. Isto difere o homem dos animais: o homem é um animal poético. Tirando a poesia do homem, centelha divina, o que restará será bestialidade.

2. Identidade: Deus é o inspirador das Escrituras Sagradas (2 Timóteo 3:16-17), suficientes para que o homem seja "plenamente preparado para toda boa obra" (NVI). Sendo Deus um artista por excelência, inspirou homens com tal arte, e nos deu textos maravilhosos, cheios de beleza, de estilo, de técnica, de solenidade, de verdade. Quiasmas, paralelismos,

aliterações, assonâncias, acrósticos e toda sorte de recurso poético foi usado pelo Criador para nos encher do seu Espírito. A primeira menção de "cheio do Espírito", nas Escrituras, é para se referir a um artista inspirado para trabalhar na obra de Deus (Êxodo 31:3). O que Deus faz e inspira é cheio de beleza.

3. Oposição: Satanás é o maior interessado na morte da poesia – enquanto atitude e habilidade sensorial para a fruição do Divino, não no sentido meramente literário –, centelha divina, pois quando nos é tirada a poesia – dom de criar, apreciar o que é criado, dom da sensibilidade, que nos torna copartícipes da manutenção da Criação, como mordomos e criadores menores, semelhantes a Deus, dotados de múltiplas linguagens ordenadoras –, nos é tirada a admiração o *mirandum*, fonte de encanto e descoberta. Resta ao homem, sem o *mirandum*, o embotamento, a pachorra, a frieza dos sentidos mais elevados, o embrutecimento, a bestialidade.

4. Consequência: O embrutecido, o homem bestial, insensível, é incapaz de apreciar a beleza presente nas Escrituras, acusando-as de obscurecidas, sem graça, complicada demais para merecer algum esforço – o

esforço até de morte desvia-se para as coisas mais banais, como a crença de que somos animais meramente e irredutivelmente políticos, por exemplo –, impossível de proporcionar prazer e sabedoria. Perder a poesia é, potencialmente, perder a fonte de salvação, pois a insensibilidade estética enferruja e emperra as dobradiças das portas que levam à compreensão da revelação divina.

5. Conclusão: Toda forma de conhecimento que despreza a poesia, embrutece e produz o homem bestial, afastando-o, em algum grau, de sua semelhança com Deus, obnubilando sentidos humanizadores, centelha divina útil, aliada à razão, para tornar a criatura sensível ao Criador. Ignorar a criação do grande Artista é indesculpável, é tornar a capacidade de pensamento em futilidade, é tornar a sabedoria em tolice (Romanos 1:20-22 NVI). Poesia não é salvação, mas é a ponte da *imago Dei*, habilidade aliada que nos sensibiliza ao Criador, abertura ao seu Santo Espírito, que deseja nos preencher. Poesia aqui, não é mérito humano, mas dádiva, dom de Deus, muitas vezes rejeitado. O homem é um animal poético, pois é criatura do Criador.

forma de nostalgia.

Não se trata de separar arte da vida real, pois arte se faz com pessoas reais, para pessoas reais fruírem em vida. "Consumir" arte é viver, é aprender e educar-se, e o modo como se faz traz resultados distintos. É por isso que nos importamos com a arte e como ela é feita, pois é sobre vida, realidade e futuro. Isso nos leva a outro problema: o público não quer mais arte, quer produto.

O cinema sempre viveu um dilema de ser, ao mesmo tempo, arte e produto de um mercado. A questão é que, a meu ver, o próprio público atual quer somente o produto, com exigências de mercado, enquanto rejeita a arte. A politização aberta do cinema também causou um embotamento duplo: um lado quer um produto de muita propaganda política, para agradar seu viés, e o outro, em estado constante de alerta, acaba vendo tudo como ameaça, moinhos de vento se tornam dragões, e exigem um produto também que agrade o seu viés. No final é isso, o público quer produto cinematográfico previsível, que não provoque, apenas agrade e dê prazer barato. Isso tudo deixa a indústria e os artistas do cinema numa situação ainda mais paradoxal do que era, criando uma crise de identidade. Afinal, cinema é arte

ou produto de mercado? A resposta é clara: ambos. Achar esse equilíbrio é arte pura, que somente um mercado saudável será capaz de alcançar — do produtor ao consumidor.

Oposição cega gera uma espécie de ressentimento até ao que é bom. Se o lado A usa muito simbolismo para defender o que gosta, o lado B, odiando o que defende o lado A, odiará até mesmo o simbolismo, que é somente uma ferramenta narrativa.

É neste ponto que chegamos. E para que a crônica não vire sermão, despeço-me!

Anderson C. Sandes — Pedagogo, poeta, cronista, ensaísta e autor de "Baseado em Fardos Reais", "Arte e Guerra Cultural: preparação para tempos de crise" e organizador da Antologia "Quando Tudo Transborda". Seus principais temas de estudo são: arte poética, história da literatura e estética.

andersonsandres.com.br



OLHOS DE FOME

**JÁ À VENDA NA
AMAZON**

um livro de
Michel Salomão

PEGOU FOGO NO NATÃ

Natan de Oliveira

...

Adão percebeu pela primeira vez que estava nu quando desobedeceu a Deus e comeu da árvore do conhecimento do bem e do mal.

É o que diz a Escritura.

Eu percebi pela primeira vez a vergonha da minha nudez, quando "pegou fogo em mim"...

Eu tinha 6 anos e resolvemos, eu e minhas duas primas, brincar de casinha.

Minha prima mais nova seria a filhinha, minha prima mais velha seria a mamãe, e eu homem seria o papai.

Elas foram fazer as comidinhas e eu fiquei responsável pelo "churrasco"...

Mas o fogo não pegava, e eu então desobedecendo meu pai (pois estava brincando com fogo) resolvi jogar um copo de álcool na churrasqueira, para fazer o fogo pegar mais rápido.

Pra quê.....!?

Tudo explodiu no meu rosto e na minha perna esquerda.

Aos berros saí correndo, meus irmãos assustados tiraram minha roupa e me colocaram debaixo do chuveiro enquanto minhas primas correram um quilômetro gritando "Pegou fogo no Natã... Pegou fogo no Natã...!".

Meus pais que estavam na casa de amigos, ao vê-las gritando, vieram apressadamente ao meu encontro junto com uma pequena "multidão de amigos e vizinhos" que queriam ver o menino "em chamas".

Ao chegarem na casa de meu tio, eu já estava deitado nu sobre uma cama, gemendo de dor, com o rosto e a perna já desfigurados pelas bolhas das queimaduras e estrategicamente posicionado sobre as minhas intimidades... Um pequeno lenço branco.

Todos chegavam e viam a grotesca cena, as queimaduras horríveis, pegavam no lencinho branco, o levantavam e diziam "Ufa... Não queimou...".

Um a um todos, incontáveis amigos e vizinhos se certificaram de macabramente despertar em mim, pela primeira vez, a vergonha da minha nudez.

Cheio de dor, mesmo assim, aos 6 anos, percebi que eu estava nu e me envergonhava d'isto.

As cicatrizes da perna tenho até hoje.

As do rosto foram desaparecendo aos poucos, mas agora envelhecendo parece que com a pele mais judiada, todas aquelas cicatrizes estão voltando, estou criando manchas no rosto nos mesmos locais das queimaduras de menino, espero morrer jovem, antes que eu vire um "monstro" novamente.

A vida seguiu em frente...

E na vida de homem, muitas vezes desobedeci a Deus e voltei a "brincar com fogo"...

Novamente ficaram cicatrizes na alma, e novamente descobri que diante da santidade de Deus eu estava miseravelmente "nu", "pobre" e "perdido" nos meus pecados.

Mas o Senhor sempre tratou das minhas "queimaduras" e assim tem sido.

Ficam de lembrança...

Insuportáveis cicatrizes.

Natan de Oliveira é um escriba cristão, casado, pai de dois filhos, cuidador de dois cães cocker spaniel, mora em Joinville/SC e tem como hobby brincar no seu Fusca amarelo colonial 1971.
natandeoliveira@yahoo.com.br



Lançamento:



"NA EIRA DE ORNÃ"



O BANQUEIRO E O PODER



De acordo com o que dizem as notícias de veículos de comunicação mais confiáveis do que o nosso, um famoso banqueiro oferecia remunerações milagrosas para os mais variados tipos de investidores, que aplicaram bilhões em seu banco, mas o cara deu uma surtada e pensou que era tudo só para ele e saiu gastando a grana toda.

Exibindo uma vida de Sultão, torrou bilhões comprando mansões, carros caríssimos, mulheres ainda mais caras, fez viagens fantásticas, mas achou que tudo ficaria bem se "molhasse as mãos" das mais altas autoridades republicanas, para que o defendessem quando a bolha estourasse, mas a chapa esquentou quando resolveu mexer na grana da mais emblemática organização criminosa do país. Não estamos falando do Congresso

Nacional. Ele realmente mexeu com gente da pesada.

Deu 129 milhões para um, 35 milhões para outro, 25 milhões para mais outro, 5 milhões para outro, um milhão por mês para ainda outro, além de mesadas entre 100 e 300 mil reais para figurões do segundo escalão, e assim montou um time de salafrários que agora fazem de conta que nem o conhecem.

Contudo, estão surgindo provas capazes de abalar a estrutura do país: a Polícia Federal conseguiu descobrir a senha dos smartphone do tal banqueiro e tiveram acesso às mensagens contendo fotos, vídeos e conversas envolvendo as mais diversas personagens da mais alta cúpula do país, além da participação em surubas homéricas, com direito a dedadas nos fíofós das mais ilibadas autoridades, em suas famosas festas na mansão de uma badalada praia do nordeste.

Os convidados participavam dessas orgias, combinavam o pagamento de propinas e nem pensavam que aquele rolo poderia estar sendo filmado e gravado. O caso é muito semelhante ao ocorrido nos EUA envolvendo o rapper P. Diddy e Jeffrey Epstein, mas apostamos que tudo acabará em alguma fabulosa pizzaria de Brasília.

Augusto Matraga sou eu, o salvo

Luiz Libório Alves da Silva

"A Hora e a Vez de Augusto Matraga", conto de João Guimarães Rosa, é uma história que fala direto e firme com meu coração de salvo por Cristo. É a história de um homem muito mau, pior do que é de costume todos sermos, explorador, infiel, terrível, que passa pelo abismo das muitas humilhações possíveis, quase morto pensa em Jesus, tem suas feridas tratadas por um casal que lhe adota, converte-se, torna-se instrumento da Justiça, luta e morre.

Quem já leu o conto (ou viu alguma versão cinematográfica) sabe o que significou tornar-se instrumento da Justiça, tanto no auxiliar dos irmãos, quanto no duelo final com o bando do personagem mais bravo do sertão; pois Deus é tanto amor (1 João 4:8) quanto fogo consumidor (Hebreus 12:29). Esta significação, essa senda, passa desde a compreensão do próprio pecado, como vemos em seu bonito diálogo com o padre:

– Mas, será que Deus vai ter pena de mim, com tanta ruindade que fiz, e tendo nas costas tanto pecado mortal?!

– Tem, meu filho. Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum...

Passando pelo sentimento de impotência nesse mundo, resumido também pelo lindo diálogo com sua mãe adotiva:

– Desonrado, desmerecido, marcado a ferro feito rês, mãe Quitéria, e assim tão mole, tão sem homêncía, será que eu posso mesmo entrar no céu?!...

– Não fala fácil, meu filho!... Deí'stá: debaixo do angü tem molho, e atrás de morro tem morro.

E o reconhecimento da Graça:

Então, tudo estava mesmo muito mudado, e Nhô Augusto, de repente, pensou com a ideia muito fácil, e o corpo muito bom. Quis se assustar, mas se riu:

– Deus está tirando o saco das minhas costas, mãe Quitéria! Agora eu sei que ele está se lembrando de mim...

– Louvor ao Divino, meu filho!

E, uma vez, manhã, Nhô Augusto acordou sem saber por que era que ele estava com muita vontade de ficar o dia

Inteiro deitado, e achando, ao mesmo tempo, muito bom se levantar. Então, depois do café, saiu para a horta cheirosa, cheia de passarinhos e de verdes, e fez uma descoberta: por que não pitava?!... Não era pecado... Devia ficar alegre, sempre alegre, e esse era um gosto inocente, que ajudava a gente a se alegrar...

E isso foi pensado muito ligeiro, porque já ele enrolava a palha, com uma pressa medonha, como se não tivesse curtido tantos anos de abstenção. Tirou tragadas, soltou muitas fumaças, e sentiu o corpo se desmanchar, dando na fraqueza, mas com uma tremura gostosa, que vinha até ao mais dentro, parecendo que a gente ia virar uma chuvinha fina.

Não, não era pecado!... E agora rezava até muito melhor e podia esperar melhor, mais sem pressa, a hora da libertação.

Até Augusto chegar naquilo que quem já leu sabe e quem não leu saberá se ler.

O que me alegra e faz o reconhecimento ocorrer entre este personagem e eu é a nossa salvação, este vislumbrar parcialmente um caminho que de tão longo dá vertigem, e que de tão eterno dá certeza. Este "ontem já era hoje, mas eu não sabia" que se torna

"amanhã, quando entender, hei de sorrir". O coração perdoado primeiro por Deus e depois por si mesmo. Sempre alegre, desde então.

Alberto da Costa e Silva, amigo de Rosa, contou, em uma entrevista, que João dizia: "Eu quero escrever de tal maneira que, quando chegar no Juízo Final, valha". Augusto Matraga, que não existe ou existiu, tinha o mesmo desejo de transformar a mesquinha da própria existenciazinha em Louvor. Matraga, João, eu, tantos outros!

Quando chegar no Juízo, que valha! Porém, já fui salvo.



Luiz Libório Alves da Silva é escritor, poeta e tech writer.

luizliborioalves@hotmail.com

BLAU-BLAU



Inventei de colocar no topo da cabeça uma prótese capilar, depois de aproximadamente 35 anos de uma carequice involuntária. Comecei a ficar calvo muito cedo, e aos 27 anos sobravam apenas algumas penugens na parte superior da cachola. Nunca havia pensado em disfarçar essa característica que torna o careca uma referência. É verdade! Se você for abordado na rua com alguém perguntar onde fica tal lugar, e tiver um careca parado de bobeira, é só dizer: "fica logo atrás daquele careca".

A versão anterior das atuais "próteses" era conhecida como "interlace", quando a peruquinha ficava amarrada aos fios originais, mas não parecia muito natural, até que

um gaiato inventou de colar o acessório diretamente na área pelada utilizando fitas "dupla face". A sensação é a mesma de instalar um ursinho de pelúcia no topo da cabeça. Até apelidei a minha prótese de Blau-Blau, da música que fez muito sucesso na voz de Sylvinho, nos anos 80.

Dizem que vários artistas de hollywood utilizam próteses, a exemplo de John Travolta (que recentemente abandonou o uso), Charlie Sheen, Chuck Norris, Matthew McConaughey, Daniel Craig (007) e Nicolas Cage. Dizem que até os galãs do passado Clark Gable, Cary Grant e John Wayne faziam uso desse recurso.

Fico pensando na origem desses cabelos mortos, que agora adornam onde antes era um funcional aeroporto de mosquitos: possivelmente, pertenceram a uma indiana. A Índia é famosa pela exportação de cabelos. Mas isso não importa: paguei, e agora é meu.

Existe muito preconceito em relação ao uso desse adereço. Tem gente que utiliza próteses de membros inferiores e superiores, lentes de contatos, dentes postiços, orelhas e narizes de silicone e até olhos de vidro. Qual o problema com cabelos? Sim, existe um

problema: na maioria dos casos, não fica bom. Principalmente quando o carecão complexado pede para deixarem uma franja descomunal onde antes havia um deserto. Ou quando a pelagem original não combina com a sobressalente: nesses casos, a solução é raspar todo o cabelo ao redor, deixando apenas uma pequena ilha peluda no topo da cabeça, o que, quase sempre, fica ridículo.

Dizem que rejuvenesci dez anos, mas não é verdade. As demais marcas da idade continuam presentes: as rugas, as bolsas nos olhos, as machas na pele. Posso ter ficado menos careca, mas não menos velho.

A manutenção não é barata, mas pode ser tranquilamente realizada pelo próprio tutor (eu disse tutor?) em sua casa, com custos bem menores. Só é preciso ter paciência. E lembrar de lavar com um xampu legal, pois pode começar a cheirar como um bicho morto, não se esquecendo de hidratar, porque se não fizer isso, o seu Blau-Blau pode realmente morrer de sede.

Michel Salomão é jornalista, escritor, ator, autor e diretor teatral videomaker, cartunista, roteirista e nas horas vagas faz umas pizzas legais.
mxelbh@gmail.com



LANÇAMENTO



Inteligência artificial, tempo herdado e trabalho

breve ensaio sobre uma angústia

Luiz Guilherme Libório Alves da Silva

À venda na amazon

UM DIA DE CÃO

Jorge F. Isah

A manhã estava nublada. Malas no carro, maquiagem, perfume e o chinelinho de pompom no assoalho. Arlete, desde que mudou para Vitória, não tinha voltado à sua terra natal: Belo Horizonte. Enquanto arrumava as malas, o Pug, Inácio, olhava entorpecido do seu canto do sofá, a baba escorrendo, remelas presas aos cílios e a respiração forçosa, quase desesperada.

Ela se aproximou, fez um cafuné, mas ele não se moveu, além da sofreguidão pulmonar.

— Bom menino!

Deixou-o lá, a manchar a almofada, o pelo das patas, à espera do sachê de "Poultarde de Bresse en Vessie" com cogumelos e arroz aromático, tudo armazenado em um pouch de 85 gramas, da marca "Gran Dog". Ele não gostava do sabor trufado da iguaria, mas como não podia reclamar — seus protestos resumiam-se a arrotos úmidos e flatos não tão silenciosos — e a fome o deixava em pânico, resignava-se, enquanto sonhava com um bom e velho Joelho de Porco Cru.

Arlete o colocou numa caixa.

– Vem cá, filhinho! Vem com a mamãe... Vamos dar um passeio... Você vai gostar... Minas é lindo!... Só não sei se vamos encontrar a sua comidinha importada lá... Mas não se preocupe, pois estou levando a quantidade pra mais de uma semana... Você não ficará sem os seus petiscos.

Se entendesse, Inácio mandaria a mamãe não para Minas, mas para aquele lugar, e a trocaria por uma succulenta costela sangrando ou até mesmo miúdos de porco, ao invés do gosto de mofo, plástico e alumínio da ração chic. Dizia ser de frango, mas não parecia frango. E a falta de opção o fazia desejar que a mamãe experimentasse aquilo antes de dizer sempre, do mesmo jeito, com uma vozinha afetadamente infantil:

– Que delícia, não é bebê! Come tudo, tudinho, meu lindinho! Pra crescer forte.

Pensava sempre em morder aqueles dedos esqueléticos, mas depois que as presas e os dentes frontais caíram com a idade, não se atrevia nem aos resmungos. Eles tinham de disputar espaço com a fadiga peitoral.

Foi para o banco traseiro. Arlete cintou a caixa de transporte, conferiu e, novamente, afagou a cabeça do

cãozinho. Ele limitou a levantar os olhos preguiçosamente.

– Não fica assim... É uma viagem rápida... Dá um sorriso pra mamãe, dá!

Inácio limitou-se a baixar os olhos. E manteve a carranca de sempre.

Colocou o seu Citroen Basalt 1.0 em movimento. Antes, fez o sinal da cruz. E lá se foi em direção às Geraís.

A chuva fina e a paisagem cinzenta deixavam o dia encardido.

Arlete conectou o iPhone ao music player do carro e colocou o seu artista favorito. Nisso, ouviu-se as primeiras notas de "New person, same old mistakes", e ela, meio dirigindo, meio saltitando no banco, considerava que o dia seria o melhor dos últimos tempos. Olhou Inácio pelo retrovisor, deu uma piscadinha – certa dele estar a observá-la. Porém, o Pug, não enxergava além de metro, e sequer imaginava que aquele treco dependurado no teto o observava.

– Ah, que dia lindo! Não é mesmo, meu bebê!

Aumentou o volume e Inácio estremeceu, entre um engasgo e outro, uma exalação e outra, falta de ar aqui e acolá, num ritmo mais banal do que a melodia.

Alguns quilômetros depois, uma barreira policial indicou que Arlete encostasse. Não era dada a revisões; mas como o veículo era relativamente novo, não haveria problemas – pensou.

O soldado rodeou o carro com olhar diligente. Aproximou-se de Arlete, pediu para baixar o vidro e desligar o som.

– O quê?! – ela gritou.

– Abaixa o volume!

– Não estou entendendo!

– O volume! – e fez o movimento de girar com o indicador e o polegar.

Enquanto entregou os documentos, olhou para Inácio.

– Fica tranquilo, bebê! Não é nada. Daqui a pouco, estaremos em Minas.

O guarda então se deu conta do animalzinho no banco.

– Senhora, desça, por favor!

– Ah?!

– Estou pedindo, senhora! Desça!

Os olhares de Arlete e Inácio não se cruzaram. Ele às voltas com o sem fôlego e ela assustada.

– O que foi? – insistiu, já suando.

– Desça! É uma ordem!

Chamou a oficial e outro colega. Aproximaram-se. Apontou para o banco traseiro onde Inácio tossiu, engasgou, tossiu novamente e engasgou mais algumas vezes.

– Veja...

A mulher limitou-se a dizer:

– Meu Deus!

Enquanto ganhava tempo tentando desvencilhar-se do cinto de segurança, meio querendo, meio não querendo se soltar, a oficial instou-a.

– Senhora! Desça!

– O que está acontecendo? Isto é abuso!

Indignada, sentiu a mão firme da policial no braço e se viu arrancada para fora. Sem explicação, advertência ou multa, foi direto para as algemas. Arlete tentou resistir, mas era tarde. Foi colocada num camburão e levada à delegacia mais próxima.

Um soldado abriu a porta traseira.

– Será que morde? – receou.

– Olha para ele! Não tem dentes, seu molenga!

O carro foi rebocado, e Inácio encaminhado a um abrigo temporário. Lá, depois de ser examinado, foi colocado em uma baía. Sentiu um arrepiozinho, mas achou que

fosse outro sintoma do nervosismo que acentuou a respiração sôfrega.

Não soube precisar o tempo, mas o estômago começou a ronronar. Sentiu falta do frango com gosto de isopor e madeira.

Mais um tempo, e nada de comida. O ronronar já era um rugido de leão. Nunca tinha ouvido ou visto um, mas sempre gostava de compará-lo aos sons gástricos.

Sem saber do tempo, pensou em latir. Nunca tinha latido. Não ia começar neste ponto da vida.

Tentou dormir. Tentou respirar.

Os gases se formaram e, por educação, não os deveria soltar. Não se conteve: o fatídico flato se encarregou de jogar uma pá de terra na sua esperança.

Nisso, alguém aproximou, abriu a portinhola e colocou um pratinho com as mesmas 85 gramas que Inácio comia todos os dias.

— Bon appetit, puguinho!

Pela primeira vez, Inácio sentiu o cheiro palatante de fígado com jiló.

Sem se dar conta de que era algo tipicamente mineiro.

O DESABAFO DA JUMENTA

Aldair Ribeiro dos Santos

Sinceramente! Se eu ganhasse um punhado de cevada para cada vez que um humano acha que é o bicho mais esperto da terra, eu estaria farta demais para carregar qualquer profeta.

Eu conheço o Balaão há anos. Conheço o jeito que ele senta na sela, o peso da sua indecisão e aquele cheiro de quem está tentando negociar com o divino enquanto olha para o ouro dos homens.

Naquela manhã, o clima estava pesado. Ele selou minhas costas com uma pressa estranha, os olhos brilhando com as promessas de honra e ouro do rei Balaque. Mal sabia ele que o caminho de um homem ganancioso é cheio de curvas cegas.

Íamos pelo caminho quando, de repente, o ar congelou. Eu vi bem na nossa frente, no meio da estrada, um Anjo do Senhor. E não era um anjinho fofinho não, viu? Era um guerreiro com uma espada vingadora desembainhada que reluzia mais que o sol do deserto.

Tremi as pernas!

Minha reação foi instintiva: desviei para o campo. Eu não sou doída! Mas e o Balaão é! Cego por moedas, não viu nada. Me deu a primeira surra. (Aí! Aí! Aí!...)

Depois, o caminho apertou entre dois muros de vinhas. Lá estava o Anjão guerreiro de novo. Tentei passar de lado, apertei o pé do Balaão contra o muro – para ver se ele acordava – e levei a segunda surra. (Ui! Ui! Ui!...)

Por fim, num lugar tão estreito que não dava nem para abanar o rabo, o Anjo espadachim bloqueou tudo. Minhas pernas fraquejaram e eu simplesmente me deitei. Empaquei, mas não era teimosia, era medo mesmo!

Aí o Balão perdeu a estribeiras. Começou a me espancar com o bordão. (mais uns "aís!" e "uís!")

Foi quando o Senhor Criador decidiu que chega de silêncio. Ele abriu a minha boca, e eu senti as palavras vibrando na minha garganta:

– Que te fiz eu, que me espancaste já três vezes?

Balaão estava tão fora de si que nem achou estranho uma jumenta falar e argumentar com ele.

– Porque zombaste de mim; se eu tivesse uma espada na mão, agora te mataria.

Eu olhei bem naqueles olhos cheios de fúria e fiz um desabafo jumental:

— Porventura não sou a tua jumenta, em que cavalgaste até hoje? Acaso, tem sido o meu costume fazer algo assim contigo?

— Não.— respondeu com secura.

Ele teve que admitir a injustiça. Foi aí que o véu caiu. O Senhor Criador abriu os olhos dele, e ele finalmente viu o que eu estava vendo o tempo todo. O coitado do Balaão caiu de cara no chão, tremendo mais que vara verde. O Anjo foi bem claro e começou a repreensão pelas surras que tomei (gostei disso!):

— Porque já três vezes espancaste a jumenta? Eis que eu saí como teu adversário, porque teu caminho é perverso diante de mim. A jumenta me viu três vezes e se desviou de mim. Na verdade, se não fosse por ela eu já te teria matado e ela ficaria com vida.

— Pequei, porque não soube que estavas neste caminho para se opores a mim!

No fim das contas, ele seguiu viagem para encontrar Balaque, mas o estrago já estava feito. Ele aprendeu que, às vezes, um bicho de carga tem mais visão espiritual que o próprio profeta.

Depois que tudo passou e ele voltou a montar em silêncio, e eu quase tive vontade de virar o pescoço e dizer:

– Balaão, rapaz, quando um burro fala o outro murcha a orelha! Prestenssão, homem! Se eu não fosse um animal, eu diria que tu é que és o jumento dessa história! Era tanta indignação jumental que no caminho ainda me ocorreu uma dúvida engraçada: Balaão me entendeu porque falei a língua dos homens ou porque falei a língua dos jumentos?

(referência: Livro de Números, cap. 22)

Aldair Ribeiro dos Santos

Contista, poeta e pedagogo, membro da ALACA - Academia de Literatura Cultura e Arte da Amazônia, autor do livro polêmico e contundente “A impossível tarefa de fazer gestão democrática na escola - e outras considerações impossíveis”.

aldairars60@gmail.com



Novo Livro de Sammis Reachers



Disponível na Amazon

A vida de David Brainerd

Fábio Ribas



Quem foi David Brainerd? Em onze capítulos, organizados e comentados por Jonathan Edwards, livro publicado pela Editora FIEL, em 2012, 322 páginas, na verdade, é a reedição de um clássico. Iniciamos uma jornada espiritual de um jovem que se dedicou fervorosamente a ter uma vida para a glória de Deus. A vida devocional de Brainerd é acompanhada, de forma impressionante, em seu diário. Os embates que ele tem consigo mesmo são impressionantes.

Brainerd é fruto daquela geração forjada e impactada no Primeiro Grande Despertamento dos Estados Unidos (1730-1740). Sua vida foi muito curta, ele falece aos 29 anos de idade, no dia 09 de outubro de 1947. Seu ministério como pastor ordenado é curto e sua atuação missionária entre os indígenas é ainda mais breve. Contudo, assombrosamente impactante para todos os que o ouviram pregar, não somente indígenas mas muitos colonos também, este rápido "cometa" brilhou a beleza de Deus a todos que o viram passar. Brainerd viveu numa época em que, para que se pregasse a Palavra de Deus, só com autorização e licença dada mediante avaliação de um corpo de pastores. Hoje em dia, "qualquer um" é chamado ao púlpito, para desfilar suas "impressões" acerca do que leu.

O livro começa com o prefácio e a nota introdutória escritas pelo Jonathan Edwards. Logo no início, Edwards nos chama a atenção para aquilo que ficará evidente durante toda a leitura do diário:

"Há uma coisa facilmente discernível na vida de Brainerd, que por muitos pode ser considerada uma objeção às evidências extraordinárias de sua religiosidade e devoção, a saber, que ele era, por sua

própria constituição e temperamento natural, muito inclinado para a melancolia e desânimo de espírito".

Certamente, estas melancolia e desânimo seriam hoje diagnosticados por "depressão". Durante todo o diário, vemos suas lutas contra si mesmo nesse aspecto de sua saúde mental e as sempre recorrentes dores no corpo. Com tudo isso, mesmo assim, vemos um servo do Senhor disposto a levar a mensagem do Evangelho aos pagãos do seu tempo. Sua força espiritual, dada por Deus, revela-se na sua perseverante e verdadeira vida de oração. Nesta, destaca-se ainda mais sua vida de intercessão. Sua preocupação com os indígenas, com a igreja, com até mesmo os inimigos do evangelho e de seu ministério, por tudo isso Brainerd intercedia em fervorosa oração. A visão diferenciada e verdadeiramente dedicada de Brainerd revela-se até no seu empenho de sustentar financeiramente a formação de novos pregadores e missionários, a partir do próprio bolso.

Particularmente, no cap. 5 e 6, há muitas notas sobre sua abordagem evangelística e, até mesmo, uma sensacional carta sobre como ele pregava aos indígenas. E ela é um maravilhoso exemplo de

comunicação contextualizada e preocupada com o interesse do aprendiz do outro. Principalmente no cap. 6, vemos sua saúde piorar. Nos capítulos seguintes, depois de toda sua labuta e lágrimas, aprova a Deus que ele pudesse ver os frutos e a colheita de seu trabalho. O que ocorreu naquele ministério foi um verdadeiro derramar do Espírito Santo em quantidade avassaladora, como que comportas tivessem sido abertas no céu.

Os testemunhos de conversão dos indígenas, narrados em seus diários, só mostram como que o verdadeiro Evangelho das doutrinas da Graça prevaleceu! As mesmas lutas que vemos quando da conversão do próprio Brainerd, encontramos nas conversões dos indígenas: a profunda percepção da corrupção do coração humano e a total impossibilidade de querermos a Deus por nós mesmos. Aliás, um dos momentos mais marcantes do livro, foi a conversão de uma indígena que, como fruto de seu reconhecimento e agradecimento por sua salvação, iria até mesmo ao inferno, caso assim Jesus ordenasse. As conversões do livro lembraram muito o impacto que eu tive com a conversão e a perseverança de muitos indígenas na

minha própria jornada. Tais experiências sempre me levam a testemunhar a muitos pastores e missionários que "eu conheci indígenas muito mais crentes do que os membros não indígenas que vocês têm em muitas de suas igrejas".

Outra ideia impactante de Brainerd e que eu nunca havia pensado desta maneira é quando ele reflete sobre Deus não precisar dele para fazer a obra. O que eu achei sensacional é a maneira como ele pensa sobre isso. Explico: Deus decretou os fins e também os meios para se alcançar esses fins, inclusive, para alguns casos, segundo Brainerd, Deus pode ter decretado como "meio para se alcançar um fim" exatamente não ter "meio" algum. Brainerd entende que Deus decretou que os indígenas seriam disciplinados, mesmo que Brainerd não pudesse mais permanecer no meio do povo para continuar a obra. Deus poderia, na verdade, ter dispensado ele como "meio". Achei isso sensacional! Em outras palavras, Deus não precisa de você. Mas, se Deus, colocou você ali, então, nossa responsabilidade só aumenta. Por outro lado, caso Deus tenha dispensado você de algo específico ou pontual, lembre-se: a obra pertence a Ele, Ele é o dono da obra, portanto, descanse

na certeza de que Aquele que começou a boa obra haverá de terminá-la!

A morte dele é assombrosa! Uma morte que não é uma passagem, mas um profundo anseio que ele sempre expressou, e que, finalmente, a recebe como resposta de suas orações. Um livro fundamental e que me faz pensar: e se eu o tivesse lido naquele fim de década de 1990? O que teria sido diferente na minha caminhada, pois, indubitavelmente, eu sei que eu sou os meus livros e as minhas circunstâncias.



Fábio Ribas é pastor, missionário,
professor, poeta e escritor.
Contato: ribaseribas1@gmail.com

**ANUNCIE NO NOVO SITE DA REVISTA
BULUNGA. EM BREVE NO AR**

O Silêncio – Don DeLillo

Jorge F. Isah



O Silêncio, como boa parte da obra de Don DeLillo, é um livro estranho, ou como o amigo Michel Salomão gosta de definir: esquisito. Ele parece ter uma fixação com o apocalipse, o fim dos tempos, e muitas vezes parece indicar que, quanto mais tecnológico e avançado, mais a humanidade se coloca em risco. Seus personagens são gente comum, que levam uma vidinha medíocre, mas têm pensamentos e atitudes que beíram a anomalia. Ao descrevê-los em seus ambientes comuns, em suas relações comuns,

permeadas por ações comuns, o autor imerge-os numa normalidade moderna e extremamente imanente, porém, reserva-lhes as suas parcelas de excentricidade e quase demência.

Em *O Silêncio*, uma novela – há quem a repute um romance, mas vai que cola – temos o encontro de dois casais de amigos e um ex-aluno, numa noite em Nova York em que a atenção está voltada para a final do Super Bowl – DeLillo utiliza o evento como se fosse um objeto de culto, um altar coletivo, onde os torcedores e espectadores seguem à risca a liturgia estabelecida pelas normas sociais. O que os personagens não percebem é o fato de que o esporte, o trabalho, o sexo, entre outras práticas modernas, se inserem no rol dos "substitutos" visíveis, a tentativa de escorar a vida nos mecanismos imanentes.

Nesse ínterim, ocorreu um colapso nas redes de comunicação – internet – ocasionando uma espécie de apagão digital. O pânico se forma de maneira irreversível, enquanto as pessoas estão assustadas, pois a vida como conhecem está num estado de interrupção, sem que se saiba a causa e por quanto

tempo durará. Com isso, vêm a insegurança e incerteza em relação aos rumos que o mundo tomará, ao menos naquele momento.

O silêncio das telas, rádios e comunicadores simboliza o desamparo e o estado de estupefação em que as pessoas se encontram, tornando-as formigas diante do fogo. Os pensamentos são divagantes e disruptivos. No fundo, as pessoas não estão preparadas para o silêncio ou a escuridão, mesmo que vivam neles; é necessário haver brilho e sons artificiais para distraí-los da intimidade perigosa de suas naturezas.

Enquanto bebem, dormem, entre diálogos inconstantes, os olhares se fixam na tela escura que, em última instância, é o reflexo de suas consciências confusas e anestésicas. O apagão revela aquilo que não podem ver, muito mais do que aquilo que podem. É como se o mundo não perdesse significado mas, simplesmente, estava além da possibilidade de eles apreenderem-no. A vida se esvazia a ponto de o silêncio ansiar por tagarelice, e serve para indicar aquilo que nunca se teve e, contudo, não se quer per-

perder. É o nonsense existencial, em que a falta de bits e pixels, isolam as pessoas dos verdadeiros significados e as deixam à deriva sem os seus manuais de instruções.

A literatura de DeLillo não tem aspectos transcendentais e, talvez, por isso, ela reproduza tão bem a inadequação humana perante a realidade. Para ele, a perda de sentido e ordem não necessitam de grandes eventos, catástrofes naturais ou cósmicas. Basta a perda do conforto ou uma ameaça pueril para fazer o homem voltar à caverna, assustado com o brilho e estrondo de um relâmpago.

Ele revela a fragilidade humana e o quão incapaz é de controlar não somente os eventos, mas a própria existência. E, por isso, não é difícil encontrar respostas, mesmo em um mundo que insiste obstinadamente em não as encontrar.

Avaliação: (***)

Título: O Silêncio

Autor: Don DeLillo

Editora: Cia das Letras

Páginas: 112

Restos do Carnaval

Jessica Fernandes



"Restos do Carnaval". Esse é o título do meu conto predileto. Ele pertence a uma coletânea de contos da autora dos textos mais emblemáticos, psicologicamente falando, que já conheci: Clarice Lispector. Nele, a narradora e também protagonista volta ao Carnaval de sua infância, algo que também aconteceu comigo no primeiro encontro que tive com o texto.

Ah, meu primeiro e único Carnaval...muita purpurina no ar, risadas e confetes, aula livre na escola. Vesti minha melhor roupa, escolhida com muito capricho e cuidado, dois dias antes da tão aguardada festa.

Embalada pelas histórias que ouvia de meu pai, que passara sua juventude em celebrações carnavalescas fluminenses, imaginava-me sorrindo, brilhante e florescendo no festejo que tomei como meu: o Carnaval. Festa da carne para muitos, mas, para mim, um feriado criado em minha homenagem (devaneios de minha infância introvertida) até porque sou nascida em fevereiro, mês escolhido para tal comemoração. Como me animava ver a preparação para a festa, mesmo nunca ter podido participar de nenhuma, até aquele dia, na escola, no auge de meus

doze anos.

Criada na sã doutrina, nunca despertou em mim o apetite por coisas "do mundo"; porém, pular carnaval era um anseio que eu nutria em silêncio. Meu desejo foi realizado. Pulei uma manhã inteirinha ao som de marchinhas infantis.

No conto de Lispector a personagem se recorda de que a única coisa que desejava ao pular carnaval era esquecer-se de sua meninice. Ao me conectar com o texto, desejei o contrário: encontrar-me com aquela menina que celebrou com muito gosto um carnaval em meados dos anos 2000. A protagonista da narrativa almejava fugir. Da realidade, das dificuldades, de si mesma. Eu não. Eu buscava um lugar que finalmente seria meu de fato. Um lugar em que eu seria eu, inteira, sem pedaços ou recortes que agradassem. Que minha alegria seria exposta, extravasada, colocada do avesso. Iria, enfim, comemorar a minha festa interior de forma exterior. A fantasia se tornara real. Foi isso que foi para mim aquela ingênua festa. Naquela manhãzinha de sexta-feira tornei-me quem sempre quis ser: a rainha do meu próprio Carnaval.

Caso estejam se perguntando se ainda comemoro ou

penso o mesmo sobre essa festança, respondo-lhes: é claro que não! Deixei minhas meninices, não aguento multidões e não mais me convém esse tipo de festa.

Jéssica Fernandes - formada em letras - língua portuguesa. Cristã de berço, grande admiradora das artes, em especial a literatura.
jessicafcrredatora@gmail.com



AMPLITUDE
REVISTA CRISTÃ DE LITERATURA E ARTES
Número 07 — Jan 2026

POETA EM DESTAQUE
J. T. PARREIRA

CONTOS
EBER ROCHA
JOANYR DE OLIVEIRA
RUTE SALVIANO ALMEIDA
SAMMIS REACHERS
SELES GONÇALVES
VALMIR NASCIMENTO DA SILVA
WALTER WANDERLIN JR.

ESPECIAIS
O CAMINHO DA AUTOPUBLICAÇÃO
O FILHO PRÓDIGO
NA POESIA

HOT SPOTS
HENRY WARD
BEECHER

ENFAS: E-BOOKS GRATUITOS - RESENHAS - GAMES - HQ

Saiu o sétimo número de AMPLITUDE, sua Revista Cristã de Literatura e Artes, com foco em ficção e poesia. Baixe a sua, é de graça!



E-books gratuitos - Games - HQs
ESPECIAIS: O caminho da autopublicação
Antologia de poemas sobre o Filho Pródigo

Número 7 - Janeiro 2026

@revistaamplitude

Prezados Leitores,

Fui convidado, uma vez, a escrever sobre a vida e obra de Castro Alves, um dos mais importantes poetas e abolicionistas do séculos XIX. Resolvi, então, fazê-lo em forma de poesia. Espero que apreciem.

ODE AO POETA

Geraldo Hera

Salve, ó Bahia dos coqueiros virgens,
Dos poetas cobertos por ideais,
Dos cais que rebatem com sutileza as águas,
Para longe ou para nunca mais...

Salve, ó 14 de março,
Marco da glória ou da efêmera vida,
Em que desponta o sol por entre as montanhas,
Onde cantam os pássaros de Muritiba...

Salve, ó Recife, das virgens de lábios rosados,
Aonde de corpo esguio o poeta vai,
Ó mares que de poesia foram virgens,
Agora virgens já não são mais...

Salve, ó benditos poemas,
Que trouxeram nostalgia e dor,
A vida ríscada em versos,
Do Gondoleiro do amor...

Salve, ó gloriosa noite que beija,
O palco do amor que arde em flâmula,
Que fizeram das ruas iluminadas,
Por onde andava Eugênia Câmara?

Salve, ó gigante que dorme,
Ó cabeleira prateada,
Chora o gigante dormindo,
Coberto pelo manto d'água...

Salve, ó liberdade que vaga,
No coração do poeta sem medo,
A negra clamando ao Senhor,
"Deus tire o açoite do negro"...

Salve, ó liberdade por que o vento ruge,
As rosas salvam os cravos,

A mulher canta à criança,
O poeta canta aos escravos...

Salve, ó noite em que o homem foge,
Porque o sangue suas costas inunda,
Por que parar e não tentar fugir,
Se lhe resta mesmo a cova funda?

Salve, ó destino ingrato que reservara ao poeta,
Um mal maior que o puxava pela mão,
Era a glória que palpitava em seu peito,

Ou " O vasto pampa no funéreo chão"...

Salve, ó poeta que descrevera a triunfal cantiga.
Que livre cantarolava a araponga.
Ó morte cruel que no leito desce,
Sobre o corpo que por fim se tomba...

Salve, ó súbita hora em que se foi tão calmo,
Na linda fase em que aurora a vida.
Não vira o libertar do negro,
Nem dera adeus a Agnese querida...

Salve todos os versos ídos,
Que hora vêm de encontro aos meus.
E meus versos que andavam perdidos,
Agora tarde encontraram os seus.

Geraldo Hera, escritor, professor
de inglês e português, poeta e
letrista.
jherarezende@gmail.com



INTERNÚCLEO
CONSERVADORA E ADMINISTRADORA

(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)



COISA DE DOIDO

"De médico e louco, todo mundo tem um pouco", diz o ditado popular. Eu escrevo para não ficar totalmente maluco. É a minha forma de resistir. Como dizia Raul Seixas, vou "controlando a minha maluquez, misturada com minha estupidez", para ficar um "maluco beleza". E como seria esse tipo? Possivelmente, um elemento capaz de assumir a sua maluquice sem precisar incomodar as pessoas.

Tem muitos doidos chatos por aí. Estudei psicologia no final dos anos 80, mas larguei o curso depois de cumprir pouco mais da metade dos créditos, abandonando de vez o divã, mesmo sabendo que esse móvel nem é mais utilizado em consultórios.

Doidos com mania de perseguição são os que mais incomodam. Ao final, concluirão que os terapeutas também o estão perseguindo, e aí passam a hostilizá-los. Alguns ficam na porta do prédio gritando coisas ininteligíveis. É muito desagradável. Doidos carentes estão no mesmo patamar. Geralmente, se apaixonam pelo seu analista. E tem também os haters, os stalkers, forma de maluquice mais recente, cujos elementos atuam preferencialmente nas redes sociais.

Vários parentes, amigos e colegas da infância e do trabalho ficaram doidos. A realidade é dura. Competitividade negativa, perdas, frustrações, traições, abandonos, tudo isso contribui para deixar o cara abilolado. Um deles acredita que é um agente em missões especiais do governo. Tipo James Bond. Disse que não pode me contar sobre os seus casos, para a minha segurança, mas com 5 minutos de conversa me

conta tudo. Só maluquices. E ao final me pede dinheiro emprestado, porque as suas contas teriam sido bloqueadas por membros de uma organização criminosa internacional, mas estão sendo enviados recursos diretamente do Pentágono e ele irá me pagar assim que o dinheiro cair na conta. Finjo que acredito e lhe entrego uma nota de 20 ou 50 e tudo fica bem até o próximo encontro.

Na faculdade, em uma aula de dinâmica, onde estava sendo proposto um jogo chamado "o barco", um de nossos colegas surtou. Disse que éramos todos horríveis, desprezíveis e, aos gritos, abandonou a sala e o curso. Meses depois foi visto mendigando na cidade de Tiradentes/MG. O jogo consistia em acreditar em um hipotético dilúvio, quando todos do grupo estariam em um barco, mas descobriu-se que estava furado, e por isso seria preciso eliminar os participantes até que sobrasse apenas um casal, que seria responsável por repovoar o planeta. Nesta proposta, todos teriam que mostrar para o grupo os seus dotes a fim de serem escolhidos os melhores. Fui um dos escolhidos para sobreviver e fiquei com medo que ele tentasse me pegar na saída da faculdade.

Evite olhar nos olhos de um doido. O mesmo se aplica aos cachorros: eles podem atacá-lo. Também procure não discordar de suas ideias. Estou falando do doido, não dos cachorros, pois esses não tem ideias, ou se tem, se referem exclusivamente a comer, beber água, fazer os seus defecos e cheirar os fíofós dos outros. Evite contrariar um doido, a não ser que uma de suas intenções implique em cortar a sua orelha. Nesse caso, é melhor fugir.

O medo é um risco à sanidade mental. Precisamos ter um pouco de medo, para não colocarmos em perigo a nossa integridade física, porém, medo em excesso é altamente nocivo. Conheço um homem que tem medo da própria sombra. Desde pequeno ele é assim. As pessoas cansaram de explicar como funciona a projeção do corpo contra a luz, mas ele afirma que a sua sombra tem vida própria.

Melhor ficar longe desses tipos. Eu evito até olhar no espelho. Vai que a minha imagem tenta agarrar o meu pescoço ou enfiar o dedo no meu olho. Não me arrisco.

Michel Salomão

FÉ ERUDITA

Aldair Ribeiro Santos

Reverendo Teófilo não subia ao púlpito; ele "ascendia à tribuna de elocução". Para ele, a chuva não molhava, apenas "promovia uma aspersão atmosférica sobre a derme". Naquela manhã de domingo, a igreja estava lotada, e a tensão gramatical era palpável. E começou assim:

— Irmãos, genuflexos, vamos solenemente, verbalizar em copiosas súplicas, derramando a alma pesarosa em entranhada atitude oracional perante a abóboda celeste.

Dona Quitéria pergunta baixinho (e aflita) ao irmão universitário, Lucas, ao lado:

— O que foi que ele disse? O que foi que ele disse?

— Ele disse "Vamos orar", dona Quitéria.

Dona Quitéria, que achava que "genuflexo" era algum tipo de remédio para a coluna, quase abriu a bolsa em busca de um analgésico, até ser socorrida pelo Lucas.

Mas o Rev. Teófilo estava apenas aquecendo os motores vernaculares.

Chegada a hora da oferta e dos dízimos, ajustou os óculos e proclamou:

– Insta salientar que a magnanimidade pecuniária de vossas mercês deve confluír para o erário eclesiástico, visando a manutenção da higidez estrutural deste recinto de adoração.

Dona Quitéria, já suando frio, cutucou Lucas novamente:

– E agora, meu filho? Ele quer o quê?

– Ele quer que a gente colabore financeiramente, de modo voluntário, para a reforma do telhado da igreja, dona Quitéria – sussurrou o rapaz, fazendo a tradução para a vida real.

O culto seguiu a rotina e é provável que D. Quitéria tenha absorvido cerca de 20% do sermão, o que é um índice muito bom.

Antes do encerramento, havia o tradicional aviso sobre a confraternização da comunidade. O pregador limpou a garganta:

– Informo que, subsequente à nossa despedida, haverá um convescote gastronômico no pátio

adjacente, onde a proteína bovina em processo de pirólise em brasas ardentes, será acompanhada da leguminosa *Phaseolus vulgaris* em estado de ebulição.

Dona Quitéria olhou para o teto, desesperada. Ela sabia que era comida (porque entendeu o "bovina"), mas não sabia que comida era aquela.

— Irmão Lucas! Que comida é essa? E vai explodir alguma coisa? O que ele falou de brasa e fogo?

— Calma, dona Quitéria. Ele só disse que tem churrasco e feijão lá nos fundos da igreja, onde faremos a confraternização.

Ao final do culto, o Rev. Teófilo desceu da tribuna com a elegância de um lorde vitoriano. Se aproximou da saída para cumprimentar os fiéis. Quando chegou a vez de Dona Quitéria, ela, querendo retribuir à altura e mostrar que também tinha seus dotes linguísticos, preparou-se toda.

O Rev. segurou a mão dela e disse:

— Minha cara matrona, espero que as homílias proferidas tenham reverberado de forma indelével em seu âmago espiritual.

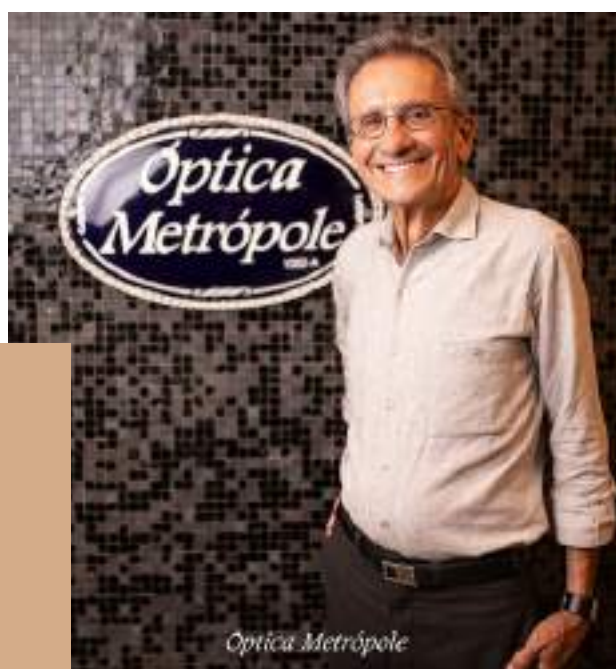
Dona Quitéria respirou fundo, lembrou-se de uma

palavra difícil que ouviu na rádio e respondeu com toda a convicção do mundo:

– Oh, Reverendo Teófilo, foi uma otorrinolaringologia sem tamanho!

O pastor parou. Piscou três vezes. O Lucas prendeu o riso. O grande mestre da oratória, pela primeira vez na vida, perdeu o vocabulário. Ele olhou para os lados, coçou a cabeça e, com a voz mais simples do mundo, apenas disse:

– É... eu também achei, dona Quitéria. Eu também achei.



MINEIROS...

Helvécio S. Pereira



Sempre se ouve falar bem das mineirices, pelo menos pelo seu lado mais pitoresco e positivo. O mineiro é reservado, desconfiado, de poucas palavras com desconhecidos e naturalmente introspectivo, o que no frígir dos ovos parece ser que, tais mineiros, sejam pessoas sempre boas e incapazes de fazer qualquer mal a si mesmos ou a outrem.

O que lhes conto a seguir não é algo que eu tenha visto, mas ouvi de uma outra pessoa, a partir de seus parentes e da sua região de origem. Trata-se de um lado pouco ou nada conhecido – ou pior, oculto e negado. Não os vemos na dramaturgia televisiva e nem na nova literatura “pregada” às crianças.

Mas vamos à história.

Em certa região interiorana de Minas, bem raiz, havia um fazendeiro reconhecido como o "figurão" da região, um tipo de "Coroner", rico e valentão, a manifestar um amor platônico por uma certa moça; que, claro, não aceitava suas investidas. Então, ele simplesmente criou para si, e para os outros, um plano: escolher uma vítima.

Explico: selecionou um rapaz vistoso que conhecia a tal moça, e diante das pessoas criou um falso "entrevero".

Havia um campo de futebol em um terreno próximo ao vilarejo, em que todos os homens acorriam no final de semana. Cada um com o seu cavalo, o amarrava em pés de eucaliptos à margem do campo, parcialmente gramado e parcialmente em terra batida. Vinham todos de um lado, atravessavam o campo improvisado e os largavam entre as árvores.

Era comum, um ou outro animal, deixar fezes esverdeadas e redondas em meio a grama ou terra. Às vezes, catava-se, em outras, eram esquecidas e pisoteadas pelos jogadores enquanto a bola tentava se desvencilhar dos esterco, mas sem muito sucesso: era inevitável manchar e deixar-se impregnar do fedor característico de bosta.

Certo dia, o tal "Coroner", ignorado pela beleza, cis-

mou de escolher o rapaz como um dos elementos do triângulo amoroso imaginário, e levou o esquema a público.

Após cruzar o campo em seu cavalo e parar diante de todos, apeou do belo e formoso animal, se pôs de pé diante do vistoso rapaz e disse:

– Eu te vi proseando com a Rosa, e para você não esquecer e nunca mais ficar de gracinha com ela, tome isto!

Sacando do chicote de três pontas, deu uma surra no pobre rapaz que, sentado como estava, pouco pode fazer para se livrar dos golpes do valentão. Como era o bambambã do lugar, ninguém interveio. Todos assistiram impávidos e passivos. Ninguém disse um aí!... Afinal, as terras arrendadas, os trabalhos na roça, a subsistência das famílias, dependiam diretamente da submissão e concordância com o patrão, fosse o que fosse.

Humilhado, ferido no corpo e na alma, o pobre rapaz saiu, sem ter chance de jogar ou torcer, ou de qualquer outra diversão.

Entretanto, isso não aconteceu só uma única vez, como se o caso houvesse sido resolvido de alguma maneira.

Passado um bom tempo, cena semelhante e pública se

repetiu, e outra vez ainda pôde-se ouvir a acusação:

– Eu te vi conversando com a Rosa.

E tome lambadas!

Indignado com as acusações e surras, na cozinha da casa da mãe, esbravejou, decidido:

– Mãe, vou comprar um revólver e matar o "seu" Jerônimo. Ele nunca mais vai me surrar na frente dos "outro". Ele vai ver só! Eu juro mãe, que mato ele!

Dito e feito.

Comprou o revólver, e onde estivesse se resguardava de eventuais surpresas, mais observando do que sendo observado.

Certo dia, sentado à porta de casa, viu ao longe o fazendeiro vindo em seu garboso cavalo, diretamente em sua direção. Não se assustou, ou fez qualquer movimento. Com o cigarro de palha à boca e o chapéu arreado na testa, do jeito que estava, ficou.

O valentão parou o cavalo bem à sua frente, apeou rapidamente, e pegou chicote de três pontas, na direção do rapaz. Este, a quem dou o nome de "Zé", puxou a arma de dentro da calça e disparou um único tiro na cabeça do agressor. Em seguida, se enfiou no mato, que conhecia como a palma da mão, deixando o corpo do seu Jerônimo esticado e morto no chão.

Vale dizer sobre a premeditação e cuidado nessa vin-

gança, ou da legítima defesa: durante muito tempo, o Zé treinou atirando em mangas no pé, até que se esmerou em derrubar as frutas, não acertando os frutos, mas derrubando-as pelos talos.

O Zé se refugiou na casa de um tio, em outra cidade. Após dias, foi finalmente achado, deitado, refestelando-se em uma rede. A casa do tio era em um vale. A dupla de policiais, após deixar o Fusca em uma colina, desceu a pé do lugar. Ao encontrá-los, o tio disse:

– Ele matou o safado, mas não está fugindo; ele está pronto para ser preso. Aqui está a arma, e ele já vai com os senhores, sem problema. Fez, tem que pagar, mas o caso é público, toda a cidade sabe como meu sobrinho foi humilhado e surrado, e por causa da imaginação do "seu" Jerônimo.

Pigarreou, antes de continuar.

– Mas façamos isto: vocês vieram de longe para prender o meu sobrinho. Mas tá na hora do "armoço". "Desalgema" ele, todo mundo "armoçá", e depois ele vai com os senhores.

Todos almoçaram, o tio, o Zé, a tia, a dupla de policiais, acenderam um bom cigarro de palha – apreciados por todos, menos a tia, que preferia o pequeno cachimbo – prosearam, falaram de pescari-

as, gado, potros ariscos, histórias antigas.

O desfecho da "estória": menos de seis meses depois, por ser primário, os fatos serem públicos, e as muitas testemunhas a favor do Zé, diante das surras e provocações injustas, eis o rapaz livre, leve e solto.

Um caso desconhecido, inusitado, e que a partir de agora será disputado pela Amazon e Netflix.



Helvécio S. Pereira é compositor, músico, escritor, artista plástico e professor.
helveciop1@gmail.com



REFLEXÕES AUTOBIOGRÁFICAS — O RANKING DOS TALENTOS —

Debora Rempel

Como tradutora poliglota, quando me perguntam quais idiomas eu falo, frequentemente ouço o comentário: "Uau! Eu mal falo português direito." São brasileiros que se comunicam em português todos os dias... assim como eu. É como se, por ter aprendido um idioma informalmente, esse domínio da língua fosse de alguma forma inferior a quem se dedicou a estudar a fundo vários idiomas. Entendo a intenção do elogio e recebo-o com carinho. Porém, me pego pensando: quantas vezes não faço a mesma coisa?

Admiro quem tira músicas de ouvido, faz contas de cabeça, se destaca em algum esporte. E de repente, minha habilidade linguística perde o brilho, pois percebo outras inteligências muito mais a floradas em outras pessoas. É fácil cair na armadilha de considerar mais inteligente aquela pessoa que tem habilidades que nós não temos.

A consequência quase inevitável de comparar-se com outros é ranquear habilidades. Como seres sociais, tendemos a nos definir em relação aos demais.

Entretanto, quando deixamos de pensar em termos de comparação, percebemos quão rica é cada uma das habilidades do ser humano – artísticas, esportivas, criativas, manuais... Existe uma complexidade física e mental que diferencia cada atividade. Não viemos ao mundo todos "programados" da mesma forma, e há beleza nisso. Às vezes, é preciso voltar o olhar para a infância para se lembrar desse fato essencial. Basta observar o desenvolvimento de uma criança: cada passo importa, cada nova habilidade desperta fascinação. A criança, por sua vez, parece não se inibir por aquilo que não consegue.

Qual a lição quando se trata de talentos? Um dia todos fomos crianças com uma habilidade inata: a de acreditar que tudo é possível. Sem fazer juízo de valor, apenas com uma enorme curiosidade de aprender. Nisso mora uma verdade fundamental: antes de ser objeto de comparação, um talento sempre foi paixão.

Débora Rempel - Tradutora, revisora e escritora, gosta de explorar a riqueza da comunicação em vários idiomas. É brasileira neta de imigrantes alemães. Também apelidada de "Sol", tem uma personalidade radiante, sempre em busca de ver o lado bom da vida. Gosta de cultivar amizades, é amante da natureza e tem um blog sobre gratidão e fé chamado "Centenas de motivos".

rempeldebora@gmail.com



HÄNDEL

Jorge F. Isah



Händel foi uma descoberta tardia. Na verdade, não tão tardia, pois desde criança sempre ouvi amostras da sua música: em filmes, séries, documentários, publicidade... Assim como a maioria, não sabia de quem eram aqueles trechos de cantatas, oratórios e óperas. Reputava como uma peça promocional, para a venda de um ou outro artigo, seja um encontro, um beijo, uma batalha ou simplesmente um novo

desodorante ou sabonete. Com o passar dos anos, a curiosidade e muito trabalho — numa época em que as facilidades digitais não existiam — acabei por descobrir a origem das composições. Mas me gastava, como jovem, ao som mais imediato e previsível do pop-rock, em detrimento ao contraponto, modulações e harmonia.

Que fique claro: não sou um expert, mas é possível a qualquer um que não esteja contaminado pela toxidade moderna — aquela do prazer imediato, quase uma coceira (com isso não estou a dizer que toda a modernidade é nociva) — deliciar, enlevar-se na arquitetura de sólida estrutura musical, pedra sobre pedra, como um castelo, ao invés dos casebres de paus e amianto que insistem em nominar "arte".

Nos últimos vinte anos, por causa de Vivaldi e suas "Quatro Estações", acabei-me seduzido pela música barroca. Conheci Bach — que já ouvia esparsamente — Scarlati, Corelli, Purcell e Händel. Definitivamente, o primeiro e o último, se não o último e o primeiro, me conquistaram. Foi quase um arrebatamento. Depois de "Jesus, alegria dos homens", "Variações de

Goldberg" e "Paixão segundo São Mateus", vi-me fascinado pelo "Messias", "Judas Maccabeus", "Israel no Egito" e "Water Music". É impossível, a cada nova audição, não me surpreender com as complexas linhas melódicas, a harmonia perfeita – que muitos acham rígida – e descobertas não menos admiráveis.

Mas quem foi Händel?

Nascido em Halle, Alemanha, em 1685, naturalizou-se inglês em 1726.

Desde pequeno, os dons musicais afluíam-lhe, o que o levou a ser um virtuose do cravo e órgão com apenas onze anos. O pai, cirurgião-barbeiro, não concordava com a carreira escolhida pelo filho, e acabou por convencê-lo a ingressar no curso de Direito, na Universidade Halle.

Em 1702, mudou-se para Hamburgo, então, o centro das artes germânicas. Em 1705, compôs a primeira ópera, "Almira", que se transformou em sucesso imediato, causando furor e entusiasmo públicos. Ali, ganhou fama como exímio violinista e posteriormente assumiu o posto de maestro. Sentindo-se estagnado na cidade, decidiu mudar-se para a Itália aos vinte anos, onde alcançou fama e sucesso como regente e



compositor, especializou-se em música sacra, de câmara, oratórios e óperas.

A sua fé — como Bach era luterano — foi fundamental para a concepção artística, motivando-o a construir uma obra original, inovadora e que influenciou inúmeros compositores, como Beethoven — que certa vez disse: "Ele é o maior compositor que já existiu" —, Mozart, Haydn, Brahms, Mendelssohn, e a lista só aumenta.

Hoje, sempre que posso, deleito-me na transcendência imanente da música de Händel. Creio ser o mais próximo — assim como Bach — do que o homem pode produzir, em termos musicais, da orquestra celestial. Penso que os Serafins aprovariam. Assim como o próprio Deus.

RESPOSTA A UM AMOR ADOLESCENTE DOS ANOS 90

Adilson Geraldo Moreira

...Não sei dizer o que está acontecendo no interior de mim, algo muda, dança, sorri, chora e me deixa estonteado.

Como um mergulho no infinito, envolto na luz do sol e ao mesmo tempo tudo é sonhos e mais sonhos.

Você chegou devagarzinho, foi chegando de mansinho e, quando vi, já estava lá, sem perceber tomou meu coração inteirinho.

Penso em você, sem saber se pensas em mim, lembro-me todos os dias de amar você, viver você e querer você, mas....

Sentir teu rosto em minhas mãos, tua pele colada a minha, teu suor tocando meu corpo, teus lábios selando os meus, arfo meu peito em angústia sem fim, apenas sonhos que não medem a distância entre nós.

As pessoas passam por nós, nada incomoda apenas sinto tua presença ao meu lado, mas como se estás distante?

Seus olhos cor de mel, teu sorriso como se fosse uma musa dos Deuses, e eu apenas sonho.

Sinto teu cheiro, sinto teu toque e os dedos suaves a deslizar pelo meu rosto é apenas um sonho, impossível de viver esta realidade.

E... Então deixarei que a vida, a ingrata vida, nos mantenha distante apesar desse amor intenso que nos consome, deixarei que a mestra vida nos molde os caminhos, apesar de saber que nunca nos teremos em plenitude, mas você é o Amor da adolescência: precisa viver seus próprios sonhos, sem se prender aos caprichos de um coração que ama tão intensamente que será capaz de abandonar tudo.

Só para que seu Amor floresça e possas ser feliz e, quem sabe um dia, nas vidas futuras, posso então amar-te tão intensamente como hoje te Amo e seguir contigo ao meu lado.

O Amor é um breve ensaio dos caminhos tortuosos do destino, que sem ter sentimentos destrói e contorna os corações que sangram de amor intensamente, apenas para confirmar que podes mover ao seu bel-prazer as cordinhas do acaso nefasto que afastam os

corações a continentes de distância, apesar de viverem no mesmo espaço tempo.

Há o Amor!

Este sentir tão intenso e incompreensível, este desejo tão insano que nos afasta como bestas perseguidas por caçadores, mas...

Afinal, terminarei meus dias de viagem pela terra, te amando com tanta intensidade quanto te amei quando vi teus cabelos negros sobre os ombros, teus olhos cor de mel e teu sorriso tão genuinamente doce que senti o sabor de teus lábios como um maná celeste.

E... Hoje, hoje 39 anos depois...

Ainda me lembro de você, caminhando com aquele sorriso límpido, claro, luminoso tão especial como um presente da vida, maravilhoso.

Mas foi assim, amamos, sorrimos, tememos, e tempo instalou como sempre faz um deserto que ocupou o lugar onde vivia o amor.

E assim apenas caminhamos por rumos opostos, com leves olhares para o passado, e a vida incumbiu de trazer a rotina como a escravização do mundo e não a

morte do amor, apenas sua prisão no mais profundo dos corações e então caminhamos, caminhamos e o mais puro e intenso Amor que um coração pode viver não se reencontrou, não houve final feliz, como nas novelas mexicanas...

Enfim, segue a vida este insondável caminhar rumo a um futuro que não reflete certezas, apenas incertezas e sonhos.

Adilson Moreira
adilsonmoreira62@hotmail.com



Separados pela convivência à Ludmila Kniebernig

Glaysen Carneiro Marcelino

A distância
era tudo o que nos unia.

O propósito – o mesmo.
Os olhares – suplicantes.
As vidas – impossíveis
uma sem a outra.

Bastou a proximidade.

Nossos egos, expostos
como objetos sobre a prateleira.
Nossos medos, nítidos,
gravados no rosto.

A fuga parecia saída.
Mas os desejos
já não caminhavam juntos.

Hoje compreendo:
não foi acaso —
foi passagem.
Transição entre o que éramos,
o que queríamos,
o que pensávamos ser.

Entregamo-nos.
Inteiros — e falhos.

Fomos resposta
para perguntas
que nunca soubemos fazer.

Não seguimos lado a lado
como era preciso.

Restaram as fotos rasgadas.
Restou o tempo preso nelas.
Resta a coragem
que ainda não tenho
de deixá-las partir.

Porque ali vive
um instante suspenso,
um estado que eu queria eterno.

Mas já não sou o mesmo.

E a liberdade que sonhávamos
não mora em nossa história –
nem no desabafo
diante do espelho.

Ainda te vejo ali.

E talvez seja por isso
que não conseguimos
ser nós.

Glaysen Carneiro Marcelino
Formado em Letras, professor de
Língua Portuguesa SEE MG.
Amo escrever, ler, jogar, cantar,
compor e fazer amizades.



Os Três Mosqueteiros

Roberto Vargas Jr.



Comecei esta leitura com grandes expectativas. Ao fim, posso resumir tudo em três breves comentários.

O sabor que esta leitura me deixa é o mesmo de uma velha piada adolescente que dizia mais ou menos o seguinte:

Bem, vejamos, preciso conquistar uma mulher (m). Para isso, preciso de tempo (t) e dinheiro (d). Então:

$$m = t \cdot d$$

Mas, ora, tempo é dinheiro, daí:

$$m = d^2$$

Se bem que dizem que o dinheiro é a raiz de todos os males (M), então:

$m = \text{raiz}(M)^2$

Ou:

$m = M$

A mulher é o próprio mal!

O título é todo mentiroso. Não são três, mas quatro, fora os outros. E a história é sobre uma mulher diabólica tratada por Milady.

Embora seja uma história de cavaleiros, eles não são em nada cavalheiros. São mulherengos, bebedores, traiçoeiros, mentirosos... O ideal cavaleiresco não tem nada com isso. O que é uma pena!

Os protestantes são pintados como uns bocós. Além de ter uma arte ruim, que Dumas descreve pela poesia dos cânticos, são ingênuos. Não de uma ingenuidade pura, mas retardada.

O duro, por um lado, é que esta imagem, de forma geral, não é equivocada. Ainda duro, por outro lado, é que protestantes costumam falar de católicos nos mesmo termos.

O homem tende a subestimar e ver outro homem que pensa diferente com menosprezo ou condescendência.

A apresentação se encerra nestes termos:

Reza a lenda que, anos depois, já às vésperas da morte, Dumas estava abatido, envelhecido, cansado. A imensa e intensa produção parecia finalmente ter esgotado suas energias. Ele que, apenas cinco anos antes, não hesitava em se autointitular um dos maiores escritores da França, passara a duvidar de sua obra e da entrada de seus personagens na posteridade literária. Embora ainda escrevesse, o que mais fazia então era reler os próprios livros. Nunca havia tido tempo de voltar, por exemplo, a suas obras-primas: Os três mosqueteiros e o conde de Monte Cristo. Um belo dia, ao flagrá-lo lendo as aventuras de d'Artagnan, seu filho não conteve a curiosidade e perguntou:

- O que está achando?
- Tudo certo.
- E o Monte Cristo?

Dumas, taxativo, respondeu:

- Não vale os Mosqueteiros.

RODRIGO LACERDA

Se esta lenda encontra base na realidade só posso crer que Dumas já não estava na inteireza de suas faculdades mentais.

Os Três Mosqueteiros é uma história divertida, que vale ser lida muito mais que por ser um clássico, mas só. Monte Cristo nos fala à alma. Os Mosqueteiros nos diverte e mata nosso tempo. Cumpre bem seu papel quanto a isso. Mas minhas expectativas foram um tanto frustradas, pelo que respondo ao autor:

– Não, Dumas, os Mosqueteiros é que não valem Monte Cristo!

Nota: DUMAS, Alexandre. O Três Mosqueteiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

Roberto Vargas Jr. é brasileiro nômade, cristão reformado, casado e pai de três pródigos, não-escritor que escreve, pecador sob abundante graça. Autor do livro "RVJ, reminiscências de um blog". Escreve em <https://link.medium.com/GtnaWNh8yX>



BISCOITOS DE ARROZ

Michel Salomão



Biscoitos de arroz parecem ser feitos de isopor. Nunca provei isopor para saber o gosto, mas deve ser idêntico ao desses biscoitos. A indústria alimentícia mente. Coloca no rótulo que o alimento possui ingredientes nobres, vitaminas, proteínas e aminoácidos, mas é tudo mentira. E ninguém fiscaliza. Veja o exemplo dos nuggets, das salsichas e dos salames. Ninguém sabe ao certo o que entra na composição desses alimentos.

Certa vez, um funcionário caiu em um dos tanques de uma empresa famosa e só foram saber algum tempo depois do desaparecimento. Muitos comeram e nem notaram a diferença. Apenas um consumidor reclamou

que havia um pedaço de tecido branco em seu presunto, provavelmente, o que restou do guarda-pó da empresa. A indústria farmacêutica faz a mesma coisa. Na melhor das possibilidades, as pessoas consomem placebos. E os resultados podem até ser positivos, pois o cérebro é capaz de acreditar que aquilo faz bem e processar a cura. Contudo, os laboratórios clandestinos podem fazer centenas ou milhares de vítimas, como no caso dos antibióticos e remédios para tratamento de câncer, falsificados sem o menor remorso.

As pessoas se acostumaram a comer lixo. E também a beber. Tudo em função da pressa para se viver uma vida produtiva, quando na verdade parecem ter pressa em morrer.



A donzela que se confundiu — História dos Irmãos Coen explora a fragilidade das nossas certezas

Leonardo Bruno Galdino

A Canaã ilusória

Alice Longabaugh é uma jovem solteira e de temperamento tímido que segue uma caravana até o Oregon, onde supostamente um homem a espera em casamento. Digo "supostamente" porque a única garantia que Alice tem é do seu irmão Gilbert, um homem fracassado, de saúde frágil e que faz comentários depreciativos sobre ela à mesa de jantar no início da história. Quando este morre vítima de cólera no meio da viagem, Alice se vê sozinha com seu cachorro "Presidente Pierce" e um criado, que começa a cobrá-la das dívidas que seu irmão deixou. Sem ter como pagar e peregrinando para uma Canaã que ela não sabe se realmente existe, Alice acaba encontrando amparo em um dos guias da caravana, Billy Knapp.

Inicialmente o envolvimento de Billy consiste em três

coisas apenas: enterrar o irmão de Alice, negociar com o criado dela e livrar-se do "Presidente Pierce", cujos latidos à noite começam a incomodar seriamente a caravana. Diante das visitas cada vez mais frequentes de Alice, no entanto, o próprio Billy começa a vislumbrar possibilidades de uma vida boa no Oregon, e então, com a promessa de assumir a dívida do seu irmão junto ao seu criado, a propõe em casamento.

Um vislumbre da terra prometida

Alice, como o espectador, fica espantada. Billy expõe alguns motivos que o levaram a isso. Ele já havia chegado àquela idade em que o homem tem de decidir se vai querer ter filhos que cuidem dele quando envelhecer, e por isso viu em Alice uma moça de respeito para tornar isso possível. Ela o indaga sobre sua religião. Ele se confessa metodista; ela, episcopal. Alice pede um tempo para pensar, mas acaba aceitando. Quem parece não gostar muito da ideia é o Sr. Arthur, o outro guia da caravana com quem Billy trabalhava há quinze anos. Afinal, ele ia ficar só. Não tinha família, tampouco uma Canaã com que sonhar. Já

Já estava velho demais para isso.

O caminho largo das certezas

Billy se mostra um tanto pesaroso com essa questão, mas Alice, naquela que seria a primeira e última "DR" (discussão do relacionamento) do casal, o lembra de que a primeira responsabilidade dele é com sua casa. Antes mesmo que o coitado pudesse se explicar, ela lhe pede desculpas. Fora influenciada por Gilbert, seu irmão, que tinha ditados para tudo (a fala anterior dela devia ser um desses). Alice revela que Gilbert era um homem com convicções políticas firmes, que a criticava por ser indecisa. Ela lamenta por não ser decidida como ele, e entende que isso é um defeito. Billy discorda, e o que ele diz em seguida servirá como a moldura que "explicará" o desfecho da história:

A incerteza. Ela é adequada aos problemas deste mundo. Somente referindo-nos ao próximo podemos ter certeza. Acredito que a certeza naquilo que podemos ver e tocar raramente é justificável, ou nunca. De todas as eras, desde nosso mais remoto passado,

quais certezas sobreviveram? E, no entanto, nos apressamos para fabricar novas certezas. Em busca do conforto. A certeza é o caminho fácil. Como você disse...

Neste momento, Alice entrecorta a fala de Billy com a famosa passagem evangélica de Mateus 7.13-14: "'Estreita é a porta'...", e Billy completa: "'e estreito o é o caminho'. De fato. De fato". Sim: de fato.

Inimigos à vista

O amanhecer, porém, traz algo preocupante: o Sr. Arthur, que sabia interpretar o terreno como ninguém, vê pegadas de cavalo no caminho mais adiante da caravana. Índios, por certo. Ele, então, volta para avisar Billy, mas no caminho descobre que Alice tinha ido atrás do Presidente Pierce após ouvir os seus latidos. Maus presságios.

O Sr. Arthur vai atrás dela e a encontra a alguns morros além, com o cachorro nos braços. Ele a apressa para acompanhá-lo de volta, quando vê um índio no horizonte. Faz um sinal de paz, mas ele não responde.

Alice, em sua inocência, não vê maiores problemas com "um selvagem apenas", mas o Sr. Arthur ri e manda ela continuar olhando, e o que ela vê é a própria visão do Apocalipse: uma comitiva de guerra Comanche. Homem prático que é, o Sr. Arthur começa a se preparar para o combate. Alice fica apavorada, e ele a manda esconder-se num barranco, dá-lhe um revólver com duas balas e a seguinte instrução: matar-se caso ele não consiga deter os índios; do contrário, eles a pegariam, abusariam dela e depois a empalariam. Mais do que nunca, Alice precisaria tomar uma decisão. Será que conseguiria?

O exercício da fé

Após uma vitória heroica e improvável sobre os índios, o Sr. Arthur então volta para pegar Alice. Tudo o que ele encontra, porém, é o Presidente Pierce latindo e a pobre moça com um tiro no meio da testa. Ela não sabia quem havia sobrevivido à luta que se travara entre o Sr. Arthur e o último comanche além do barranco onde ela estava, e então se precipita — para a morte. As câmeras simplesmente não mostram se Alice viu a luta ou se só ficou ouvindo, como também não é possível ouvirmos o tiro que ela desferiu contra si mesma. É

justamente aqui reside todo o brilhantismo dos Irmãos Coen. Afinal, é uma história sobre certezas; ou, mais especificamente, sobre a fragilidade das nossas certezas, da crença naquilo que se vê, do caminho largo das convicções artificiais. O espectador é deixado à sua própria imaginação. Ou, se preferirmos, ao exercício da fé.

A hipótese da Graça

Mas talvez a história da donzela que se confundiu – de longe uma tradução mais adequada para o título original – ainda reserve um toque da Graça em meio à tragédia. Há algo de flanneriano nas histórias de A Balada de Buster Scruggs, e penso não ser coincidência o fato de a velha tagarela à mesa de jantar no início da presente história atender pelo nome de Sra. Flannery. Será mesmo que a romancista católica do sul dos Estados Unidos veio dar o ar de sua graça numa história onde a redenção é tão improvável?

Bem, se repararmos para além dos que os olhos podem ver, veremos que Alice Longabaugh prefere a morte a entregar-se a outro que não o seu noivo. Morre virgem,

como uma mártir da Canaã que não viu. Terá Billy esta mesma visão das coisas?

Seja qual for a nossa opinião sobre o desfecho da história, uma questão ainda permanece: O que o Sr. Arthur dirá a Billy Knapp? Cruel. Eu, no lugar dele, também não saberia.

Leonardo Bruno Galdino - veja o perfil em
<http://www.youtube.com/user/LBGaldino>



(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)

Quaresmou

Glaysen Carneiro Marcelino

É notório, e até certo ponto irritante, o crescente impulso de transformar indiscriminadamente substantivos em verbos. Embora esse mecanismo seja comum e válido nas línguas ao redor do mundo, ele tomou proporções alarmantes. Não se trata de algo recente; vejamos o caso da "queridinha" dos brasileiros, a hashtag #sextou. Essa prática já existia de forma isolada no Nordeste e ganhou tração por meio de canções populares.

Em 2015, a banda Forró da Pegação lançou o hit "Sextou". A faixa do CD – para os mais novos, o Compact Disc era um artefato de armazenamento de áudio – serviu como ponto de partida. No entanto, foram as versões de Israel Novaes e Wesley Safadão que geraram um "boom" musical, cuja viralização se espalhou como rastro de pólvora. Outras obras e influenciadores replicaram a expressão que, subitamen-

te, dominou novelas, jornais e propagandas. O vocábulo indicava um alívio à pressão da jornada de trabalho, já que a sexta-feira era o dia mais esperado para o início do descanso semanal. Antes disso, sucessos como "Hoje é Sexta-feira", de Leandro e Leonardo, e "Fim de Semana", do cantor Netinho, já exaltavam a importância dessa data. Hoje, praticamente todos os dias ganharam sua versão verbal (Ufa!).

Prosseguindo com esse desregulado processo morfológico, chegamos ao título em questão. Sim, chegou a vez do sagrado – ao menos para os fiéis menos ortodoxos. O neologismo é adotado principalmente pela geração jovem, que não vê problemas na elasticidade das definições. A questão é que, frequentemente, perde-se a essência do conceito. O hábito de converter palavras acaba por distanciar o indivíduo da observação dos preceitos religiosos. A derivação imprópria é um instrumento lícito da variação linguística, mas a mercantilização do vocabulário é um fenômeno endêmico que pode causar um dano irreversível à cultura. Sabe-se porém que posso incorrer num erro de não apontar a vitalidade linguística que faz a língua ser um organismo vivo em

evolução e assim acrescenta a mesma um aumento substancial de novos falares e camadas de significados (polissemia) e esse esvaziamento ser apenas mais um vértice desse diamante chamado linguagem.

A banalização de certas nomenclaturas é preocupante. Nesse cenário, embora a Igreja tenha a prerrogativa de explicar seus dogmas, seus membros correm o risco de não absorver o ensinamento devido à massiva exposição e reprodução do "quaresmou". A Quaresma é um tempo de recolhimento e intensificação das orações, focado nos dias que antecedem a Paixão de Cristo. São mistérios inegociáveis para quem deseja seguir tais doutrinas. Trata-se de uma força natural dos falantes — donos da língua —, mas que deve servir de alerta.

Os mais incautos já se questionam se este é apenas um intervalo para pecar menos, evitar chocolates, carnes ou palavrões. De que adianta seguir ritos externos e retornar ao comportamento anterior após esse ciclo? A incoerência é inata ao ser humano, contudo, o propósito desse tempo é uma mudança real e definitiva chamada conversão. O conceito deriva do grego *Metanoia* (mudança de pensamento), *Epistrepho* (ação prática de

mudar de direção) e Metamorphoo (transformação completa de forma).

Este texto não é um ato de proselitismo, mas uma reação ao esvaziamento de práticas que, pelo excesso, perdem o sentido. É como mascar chiclete por horas: perde-se o sabor e a graça, restando apenas as cáries. Há estudos que vão apontar somente uma ressignificação do termo e uma nova forma de relacionar com o sagrado. Então Sextou e quaresmou!



SPOILERS



No último filme da franquia 007, o personagem James Bond morre no final. Isso depois de matar umas dez dúzias de bandidos perigosíssimos, de apanhar que nem um cão, tomar tiros, de ter o seu cérebro perfurado dos dois lados das têmporas por uma furadeira, de ser infectado por um nanovírus altamente letal que não possui antídoto, até que a ilha em que se encontrava acaba sendo bombardeada por mísseis, sem que ele tenha tempo de sair de lá. Tudo isso, depois de salvar o mundo, é claro.



Neste episódio ele se apaixona e até tem uma filha com uma mulher misteriosa, interpretado por Léa Seydoux, que tem dado as caras em vários filmes de Hollywood. Ah, esqueci de dizer a razão da morte do personagem: Daniel Craig já estava querendo mesmo abandonar o papel do espião britânico indestrutível, e a ideia dos produtores foi lançar essa filha dele, que na sequência poderá se transformar na Srta. Jammy Bonda, conforme deixaram escapar que o próximo agente secreto da série que parece não ter fim, inaugurada por Sean Connery em 1962, seria uma mulher. Bela jogada: agradam em cheio aos progressistas com relação à questão do gênero e completarão inserindo personagens coadjuvantes afrodescendentes, chinesas, indianas e latinas, como manda a cartilha.

CRISTÃO^{papo}

por Michel Salomão

"Eu sei o que você fez no verão passado". Alguns cristãos se aterrorizam com a possibilidade de a igreja ficar sabendo sobre os seus "podres" guardados a sete chaves. Alguns poucos resolvem abrir o verbo e falam tudo lá no púlpito, ou mais reservadamente com o seu líder espiritual, que só comenta com sua esposa, que não possui freio na língua e tem muitas amigas, para as quais promove os seus "chás das cinco".

Thiago, o apóstolo, sustentava que os irmãos deveriam confessar os seus pecados uns aos outros, mas há quem entenda que essa confissão deva ser tomada exclusivamente com Deus, às portas fechadas. Mas permanece a dúvida, após a confissão: Ele perdoou ou não perdoou?

Conheço uma mulher que subiu no púlpito e saiu falando tudo sobre a sua vida pregressa, com uma riqueza de detalhes quase pornográfica, e a coisa foi tão hard que ela achou melhor sair da igreja. As mulheres não queriam que os seus maridos e namorados conversassem com ela. Os homens ficaram constrangidos com a possibilidade de não conseguirem atingir o desempenho para um novo padrão estabelecido. E os meninos buscavam homenageá-la em suas demoradas incursões no banheiro.

Perdoem-me as brincadeiras (tem gente que pensa que cristão não pode ter humor), mas o importante é que haja uma mudança verdadeira e que o cristão não reincida no pecado. Se até assassinos e ladrões podem ser perdoados, imagine então os outros pecadores. Somente a Deus cabe julgar e, se for o caso, absolver. Por isso, pouco importa o que pensam as pessoas acerca dos seus erros superados.



coluna do nelson TRAMONTINA



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita que vai chover.

Nelson, neste carnaval fui em todos os bailes, saí atrás de bloco de rua, participei de desfiles de escolas de samba, mas acabaram passando a mão na minha bunda e não comi ninguém. O que pode estar acontecendo?

Nelson - Depende do que você queria pegar: bípedes, quadrúpedes, anfíbios... a fauna estava toda solta neste carnaval. Acho que você não soube caçar... ou acabou sendo caçado.

Estou para receber uma casa de herança, mas fiquei sabendo que primeiramente terei que pagar o imposto de transmissão que é uma fortuna, e nem que eu ofertasse o meu "precioso" na night dez

vezes por noite, 30 noites por mês, durante 20 anos eu conseguiria juntar o suficiente para pagar 1/5 desse valor. Não tem alguma coisa errada nesse negócio?

Nelson - O errado é que você já paga seus impostos exatamente para sustentar esse bando de vagabundos e eles querem cobrar esses serviços "à parte". Mas fique tranquilo, você já faz o mesmo com relação à educação, quando tem que pagar a sua escola, à saúde, com o custeio de planos particulares e ao lazer, pois nada é "de graça". Brasil, ame-o ou deixe-o. Acho melhor deixá-lo.

Nelson, estou pensando em me matar. Qual seria o método mais eficaz?

Nelson - Certamente, arrumando um emprego para ganhar um salário mínimo. Se não morrer de fome, vai morrer de RAIVA.

Estou apaixonado pela namorada de meu melhor amigo. O que devo fazer?

Nelson - Monte com ele uma dupla sertaneja: "Corneando e Corneado".

Nelson, eu não vejo graça nessa sua Revista.

Nelson - A Revista Bulunga não foi feita para alegrar, mas para despertar a idiotice que existe em cada um de nós.